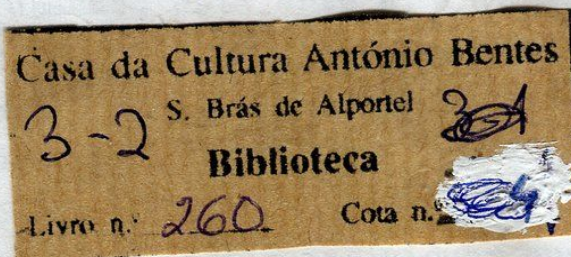


Carlos Manuel G. Ramos de Oliveira



Fuzeta
uma abordagem antropológica
(Excerto)

“A Pesca na Fuzeta”

Universidade Técnica de Lisboa
Instituto Superior de Ciências Sociais e Política Ultramarina

1971

seguinte aspecto:

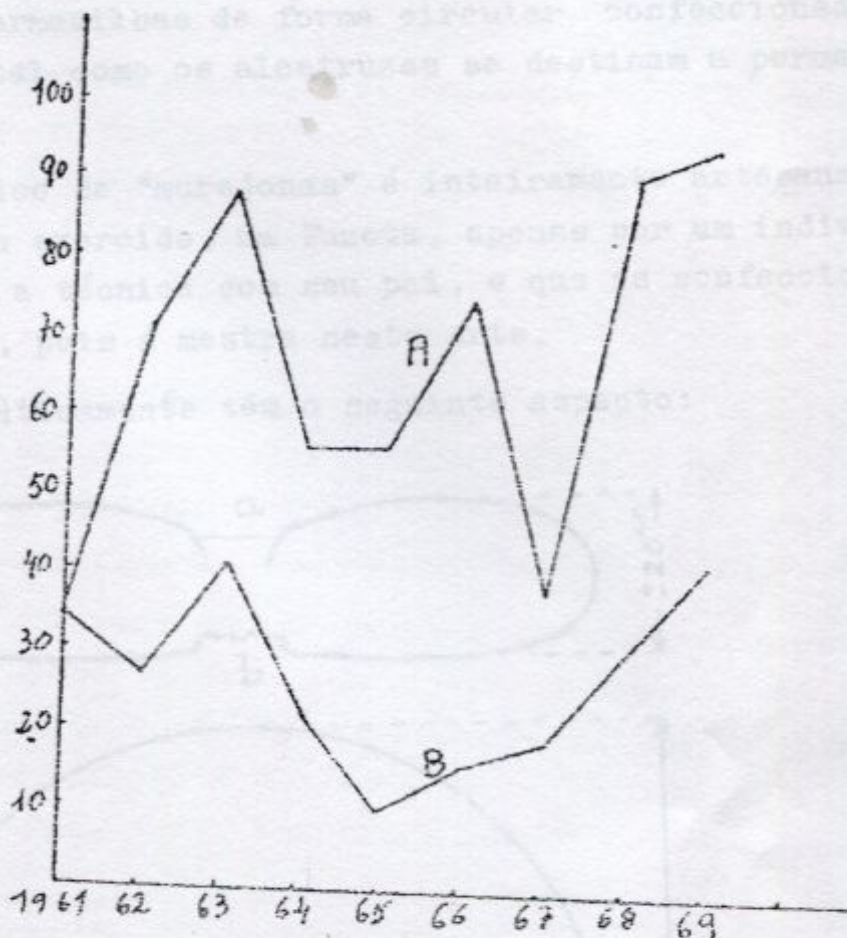


Fig. nº. 33 - Evolução do pessoal e embarcações nas "pescas diversas"
 A - Pessoal
 B - Embarcações

As notáveis discrepâncias assinaladas aqui, entre a evolução dos quantitativos de pessoal e embarcações, devem-se não só a variações do número de camaradas de cada "companha", dentro de cada arte, como também à incidência maior ou menor em períodos alternados, de artes que têm diferentes exigências em pessoal.

As modalidades integradas nesta rúbrica, são sobretudo aquelas a que a seguir nos passamos a referir:

1)- As "murejonas"

Os côvos ou "murejonas", como mais geralmente são designados, são armadilhas de forma circular confeccionadas em arame e que, tal como os alcatruzes se destinam a permanecer no mar.

O fabrico de "murejonas" é inteiramente artesanal, sendo actualmente exercido, na Fazeta, apenas por um indivíduo que aprendeu a técnica com seu pai, e que as confecciona para uso próprio, pois é mestre nesta arte.

Esquemáticamente têm o seguinte aspecto:

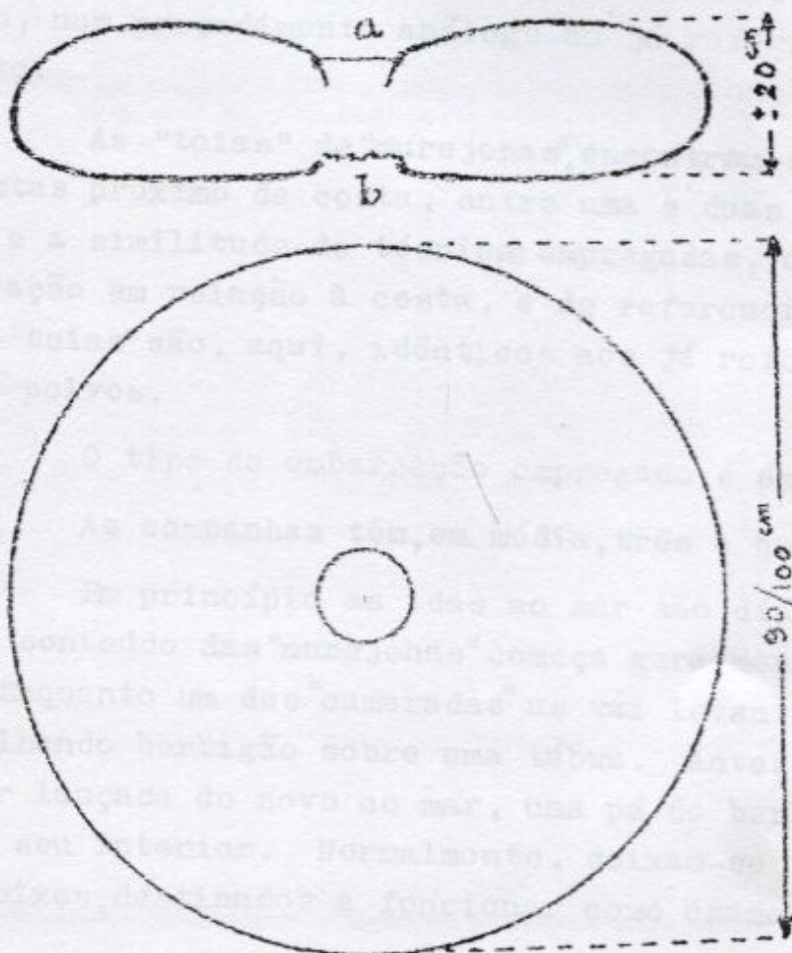


Fig. nº. 34 - "Esquema de um covô"

No topo (a), existe uma abertura afunilada que se termina em pontas de arame voltadas para baixo. O peixe, que não experimenta dificuldades em ali penetrar, depara ao tentar sair, com aquelas pontas que o fazem, invariavelmente, retroceder.

No fundo (b), existe uma tampa que fecha uma abertura pela qual o peixe é retirado.

As "murejonas", encontram-se dispostas no mar em "teias" semelhantes às dos alcatruzes, medindo aqui, de "alfoque" a "alfoque", entre quinze a vinte braças. O número de "murejonas" por "teia" é, no entanto, já menor, orçando com frequência entre quatro e seis dúzias⁽¹⁾. O artifício usado para levar o peixe a entrar no côvo é a deposição de berbigão moído, no fundo daquele, sobre a tampa.

Os indivíduos que se dedicam a esta modalidade de pesca, dispõem também, por vezes, entre as "murejonas", alguns alcatruzes, num procedimento análogo ao já referido para esta última arte.

As "teias" de "murejonas", encontram-se, normalmente, dispostas próximo da costa, entre uma e duas milhas. Dado este facto e a similitude de técnicas empregadas, os processos de orientação em relação à costa, e de referenciação e levantamento das "teias" são, aqui, idênticos aos já referidos para a pesca dos polvos.

O tipo de embarcação empregado é em geral a "motora".

As companhas têm, em média, três a quatro indivíduos.

Em princípio as idas ao mar são diárias. A verificação do conteúdo das "murejonas" começa geralmente ao nascer do sol. Enquanto um dos "camaradas" as vai levantando, um outro vai esmigalhando berbigão sobre uma tábua. Antes de cada uma delas ser lançada de novo ao mar, uma pá de berbigão é deitada para o seu interior. Normalmente, deixam-se ficar, também, um dois peixes, destinados a funcionar como chamariz.

As espécies apresadas pelas "murejonas", são toda uma série de peixes de pequenas dimensões, normalmente designados por "peixe de escama".

(1) O valor unitário das "murejonas" é de cerca de 60\$00.



Fig. nº. 35 - Após a verificação, um côvo é de novo lançado à água.

Tal como acontece, em regra, com a maioria das artes que se desenrolam próximo da costa, o regresso a terra verifica-se no geral a meio do dia. Durante o resto do dia, um ou mais membros da "companha" realizam nos terrenos produtores de berbigão da ria, o aprovisionamento do indispensável molusco a ser utilizado no dia seguinte.

O número de "partes" aqui realizado e a sua distribuição efectua-se em moldes idênticos aos já referidos para a pesca com alcatruzes.

ii.- A rede de "emalhar"

Esta modalidade é, na Fuzeta, designada por algumas outras expressões como pesca da "rede de malha" e pesca da rede de "estremalho". Normalmente é realizada a partir de "mоторas", com "companhas" que oscilam entre os três e quatro "camaradas". Os locais onde se desenrola, situam-se próximo da costa, entre duas e quatro milhas aproximadamente.

O aparelho aqui utilizado é designado por "caçada de redes", que em regra é constituída por trinta a cinquenta "panos" de rede (1) rectangulares, com cerca de sessenta metros de comprimento e um e meio a dois metros de largura, cada. Todos estes rectângulos de rede, estão ligados uns aos outros, por cabos que percorrem os seus lados maiores e vencem a distância que separa cada um do seguinte.

Disposto no mar, o aparelho tem, esquemáticamente, o seguinte aspecto:

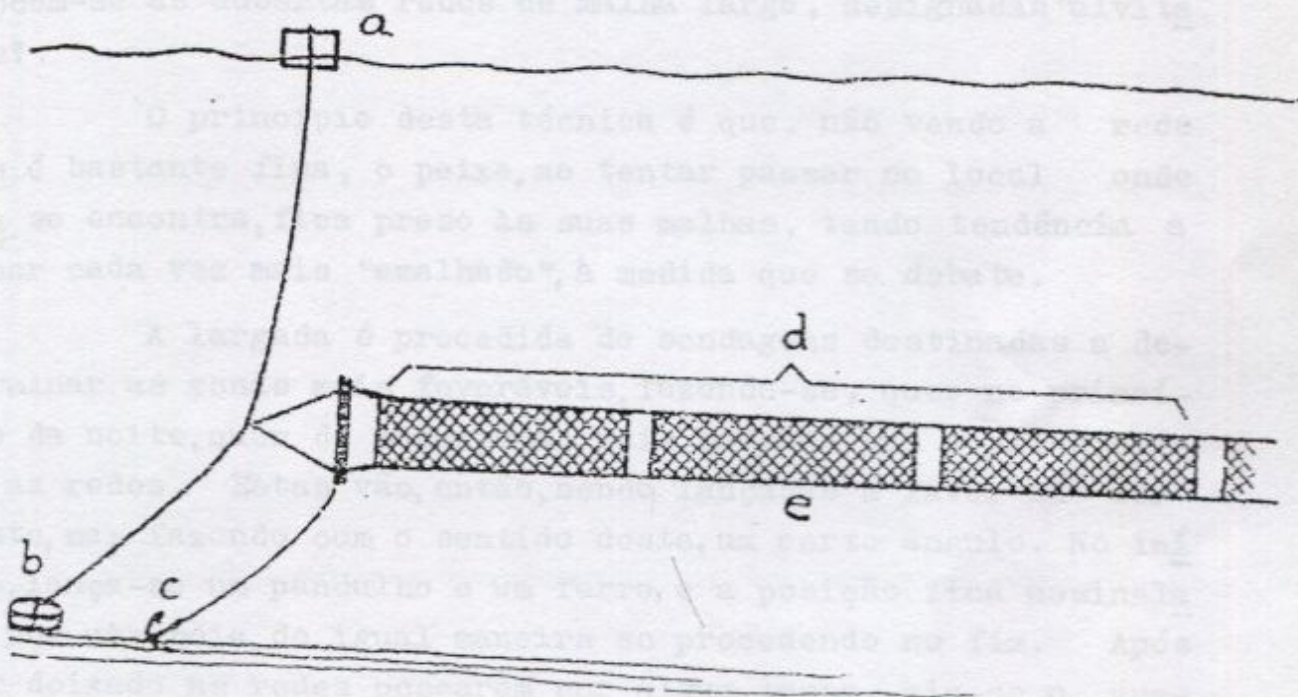


Fig. nº. 36 - Rede de "emalhar".

- a - Boia
- b - "Pandulho"
- c - "Poita"
- d - "Madre de cima"
- e - "Madre de baixo"

O "pandulho" e o ferro têm a função de evitar o arrasto pelas águas e, portanto, de manter a rede numa posição bem determinada.

(1) O valor de cada "pano" de rede é de cerca de 300\$00.

As "madres", são os cabos que constituem a bordadura das redes. Enquanto a de cima é provida com bóias, a de baixo, tem presos pedaços de chumbo, tudo contribuindo para manter a rede na posição vertical.

As redes normalmente aqui utilizadas, são as de malha fina também designadas "subertas", pois as espécies mais frequentes nas zonas onde esta pesca decorre são no geral de dimensões reduzidas. Por vezes, prevendo a possibilidade de se conseguir apresar algumas espécies de maiores dimensões, justapõem-se às "subertas" redes de malha larga, designadas "alvitanas".

O princípio desta técnica é que, não vendo a rede que é bastante fina, o peixe, ao tentar passar no local onde ela se encontra, fica preso às suas malhas, tendo tendência a ficar cada vez mais "emalhado", à medida que se debate.

A largada é precedida de sondagens destinadas a determinar as zonas mais favoráveis, fazendo-se, quer no princípio da noite, quer de madrugada, pois havendo luz o peixe evita as redes. Estas vão, então, sendo lançadas a favor da corrente, mas fazendo com o sentido desta, um certo ângulo. No início, lança-se um pandulho e um ferro, e a posição fica assinalada por uma bóia, de igual maneira se procedendo no fim. Após ter deixado as redes pescarem por algum tempo, alá-se o aparelho. Uma vez presos na rede, os peixes estão sujeitos aos ataques de pulgas do mar que só deixam a pele e as espinhas, tanto mais, quanto maior fôr o tempo que permanecerem naquelas condições. Deste modo, não é conveniente deixar a rede pescar para além de certo tempo. À medida que se alá, o peixe vai sendo imediatamente retirado das malhas, excepção feita para os "aranhuços" (peixe-aranha), que se deixam morrer primeiro, de forma a diminuir o risco de picadas venenosas. As redes são aqui largadas e aladas à mão, apenas se facilitando a largada por meio de duas varas presas ao fecho da casa da máquina e dispostas perpendicularmente à borda da embarcação, sobre as quais a rede passa, já completamente desenrolada, antes de tombar na água.

A forma de remuneração, apresenta nesta modalidade uma ligeira diferença em relação aos esquemas anteriores. Com efeito, o produto do pescado (depois de deduzido o custo do gasóleo e os impostos), não é dividido num número certo de "partes" mas antes em duas metades. Uma delas cabe ao barco e aparelho e a outra, dividida então em partes iguais, é repartida pelos camaradas. A proporcionalmente elevada remuneração aqui atribuída ao capital, explica-se, pelo menos em parte, pelo elevado custo e frequentes estragos causados nas redes. Por vezes têm sido empregadas redes semelhantes, mas de maiores dimensões, para a pesca da pescada, rivalizando assim com a pesca da "caçada". Tem-se tratado, no entanto, de casos esporádicos, pois por diversas razões esta última continua a mostrar-se mais rentável.

iii.- Outras pescas

Se a "caçada" ocupa cerca de 90% dos marítimos que na Fuzeta se dedicam às pescas locais, e os restantes se distribuem pelas artes que temos vindo a descrever, um facto se salienta: é que é ao mar e sobretudo ao mar alto, que os pescadores dali vão buscar as suas subsistências. Desde o início da fixação, a vantagem da situação da Fuzeta foi a existência da barra e a facilidade de, por ela, se atingir o mar. Assim, as pescas na Ria são muito pouco relevantes quando comparadas com as realizadas no mar, tanto na dimensão humana como na técnico-económica. Os indivíduos que as realizam, são alguns homens já de idade que não se dispõem a afrontar o mar fora da barra, ou cujos barcos não têm condições para tal, e ainda um ou outro de carácter mais individualista, que prefere trabalhar sozinho a "ser mandado".

Há ainda, em períodos de mau tempo, marítimos que, habitualmente ocupados noutras artes, se dedicam à pesca na Ria. Esta tem, contudo, em qualquer caso, conotações de "tapaburacos" e "biscate", que só se exerce em precária condição ou situação económica.

Posto isto, vejamos algumas das pescas que ali se realizam.

Uma delas, designada de "aparelho fino" foi já incluída, por uma questão de sistematização, no grupo das pescas de anzol, visto estar ali estatisticamente referenciada. Outra, é a que se realiza com redes designadas "branqueiras". Ao contrário do que sucedia com as redes de emalhar, estas são contínuas e não distribuídas em secções intervaladas.

Esta pesca processa-se da seguinte maneira: Detectada uma aglomeração de peixe, procura-se encerrar este dentro de um círculo de rede que, de bote, se vai largando. A profundidade tem de ser reduzida pois a "madre de baixo" (provida de lastros de chumbo) deve tocar o fundo enquanto a de cima (que dispõe de flutuadores de cortiça) deve flutuar. Uma vez o peixe cercado, bate-se a água ruidosamente, de forma que o peixe, procurando fugir, se vai prender nas malhas da rede.

Actualmente, no âmbito de medidas tendentes a preservar a fauna piscícola da Ria, algumas das pescas de maior relevo que ali se desenrolavam encontram-se interditas. Embora este facto não tenha, ao que parece, implicado uma extinção total da sua prática, a verdade é que, compreensivelmente, o seu uso se perdeu.

Dentre aquelas pescas poderemos talvez referir como das mais relevantes a da rede "tapa-esteiros", a da "rede-de-pé" (também designada rede de arrasto ou "redinha") e a pesca do canoio com fisgas, actualmente só permitidas no mar.

A primeira processava-se da seguinte forma: durante a maré baixa, e em geral a partir do limite atingido pelas águas na preia-mar, abria-se no chão um rego com a forma aproximada de um semi-círculo, cuja abertura ficava já acima do limite superior da maré alta.

Em toda a extensão desse rego, enterrava-se uma rede que, depois, se cobria com areia ou lodo conforme o caso. Esta rede, dispunha de "madre de cima" e de baixo, respectivamente com cortiça e chumbo e devia ter a altura suficiente para que, uma vez desenrolada na maré alta, a madre de cima atingisse a su-

perfície da água. Sensivelmente a meio, na parte mais afastada de terra, ficava espetada uma cana alta à qual estava preso um cabo que, ligado à rede, permitia desenterrá-la e içá-la até à superfície. Uma vez a maré no seu máximo, procedia-se, com um bote, àquela operação. A medida que a rede ia sendo levantada, iam-se espetando no fundo, rente a ela, canas destinadas a sustentá-la, e que eram alternadamente colocadas no interior e exterior. Uma vez a rede totalmente levantada esperava-se que a maré descresse. Pelo menos uma parte da zona fechada pelo "tapa-esteiros", ficava então a seco. Junto à cana que inicialmente ficava cravada no fundo, a rede dispunha ainda de uma "manga", espécie de túnel fechado, para onde o peixe era então encaminhado. Para que a manga se mantivesse bem aberta e permitisse a entrada do peixe, era provida de dois ou três arcos de madeira. Era de certo modo tradição que, logo a seguir ao dono ou donos do "tapa-esteiros", quando estes batiam o peixe para a "manga", seguissem pessoas que iam ao "rabisco" e podiam então apanhar o peixe que tivesse ficado para trás.

Por vezes, se a pesca se desenrolava em zonas não por completo descobertas na maré baixa, a rede fechava totalmente, unindo uma ponta à outra. No entanto, como para a mesma porção de rede, a área abrangida era menor, procedia-se por vezes de outro modo, utilizando "enganos" na rede. Isto consistia em enrolar em espiral os extremos da rede que, mesmo na maré baixa, ainda eram atingidos pela água. Como o peixe tem tendência a seguir sempre ao longo da rede em busca de uma saída, ao chegar às extremidades percorre a espiral pelo lado interior. Chegado ao fim, em vez de passar a percorrê-la pela face exterior que o levaria à liberdade, segue em frente atingindo novamente a face interior da rede que percorre até ao outro extremo onde se repete o mesmo processo. Em esquema, eram portanto as seguintes as modalidades de "tapa-esteiros":

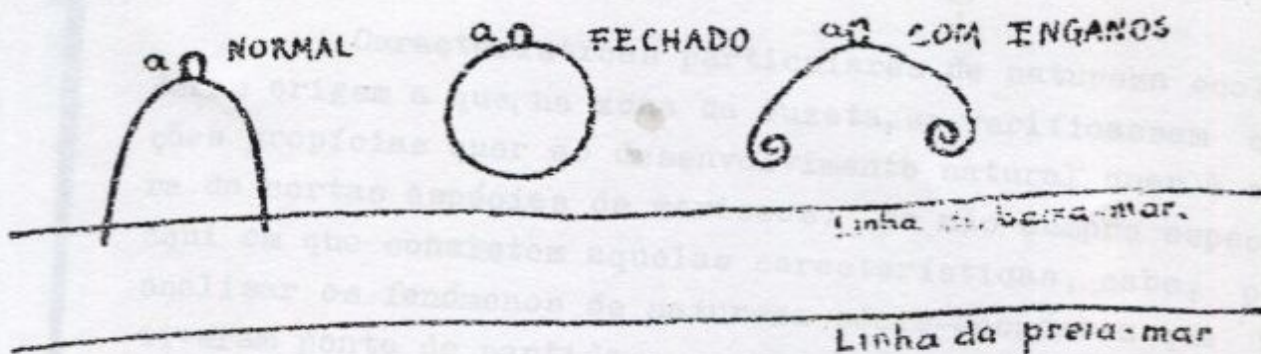


Fig. nº. 37 - A rede "tapa-esteiros"

Esta modalidade era, ao que parece, uma das pescas da Ria com mais relevância. A pesca da "rede-de-pé" ou de arrastar tinha algumas semelhanças com ela. O peixe era igualmente cercado, no geral de noite, por uma rede com duas "madres" largada por um bote e que ficava "de pé". Uma vez fechado o cerco, de terra a terra, a rede era puxada ("arrastada") para a margem com as pressas que continha.

Finalmente, a pesca do candeio com fisgas, processava-se do seguinte modo: sempre à noite, e aproveitando a maré baixa, o peixe era engodado por meio de um "bizarro" disposto na prôa de um bote. Como a profundidade é, no geral pouca, na baixa-mar, não havia dificuldades de maior em arpoar ("fisgar") o peixe que aparecia na zona iluminada.

Para esse efeito usava-se uma vara, num dos extremos da qual estava um pente com dez ou doze raios de barbeta, o que era designado por um conjunto de "fisgas", daí o nome desta modalidade.

c.- A cultura e recollecção de mariscos

Características particulares de natureza ecológica deram origem a que, na zona da Fuzeta, se verificassem condições propícias quer ao desenvolvimento natural quer à cultura de certas espécies de mariscos. Se não cumpre especificar aqui em que consistem aquelas características, cabe, porém, analisar os fenómenos de natureza sócio-económica que nelas tiveram ponto de partida.

Os mariscos que, de uma forma ou outra, e que com uma ou outra dimensão, têm aqui certa relevância económica, são a ameijôa, o berbigão e a conquilha. Os dois primeiros, encontram condições favoráveis ao seu desenvolvimento nas extensas zonas de lodo (e também areia no caso do berbigão) que se situam entre terra firme e as ilhas que lhe ficam fronteiras. O terceiro, pelo seu lado, só se dá e cresce, nos fundos de areia, em zonas bem batidas pelo mar, na face sul (portanto, a virada ao mar aberto) daquelas ilhas.

De todos eles, o que, incontestavelmente, tem maior valor económico, é a ameijôa. Há em relação a ela, que distinguem dois tipos de terrenos: aqueles onde ela procria naturalmente, e aqueles onde, não se verificando embora tal fenómeno, têm no entanto condições propícias para a sua cultura.

Os primeiros são geralmente designados por terrenos "produtores" e os segundos por "viveiros" ou "depósitos". Assim, retirando daqueles ameijôas ainda pequenas e colocando-as nos segundos, estes, ao fim de alguns anos (2 ou 3), devolvem-nas já adultas. Este facto, levou a que se estabelecessem concessões para a exploração dos depósitos. Por seu lado, a exploração em regime de concessão, dos terrenos considerados "produtores", não deve, por convenção social, ser outorgada a particulares. Estes terrenos devem, no consenso social, continuar a ser áreas do domínio público, onde cada qual deve poder ir mariscar livremente. Acontece que no processo de outorga de cada concessão, há um prazo para atender as reclamações de quem julgar vir por ela a ser prejudicado.

Assim, de cada vez que se verificam tentativas para a obtenção da exploração de terrenos considerados "produtores", há, no geral, reacções generalizadas que, devidamente ateadas, levam a que aqueles continuem como pertença do "povo". Conta-se na Fuzeta que, a certa altura, tendo alguns indivíduos estranhos à terra insistido na obtenção da concessão de alguns terrenos "produtores", onde tencionavam cultivar ostras, ao que parece, foram dali expulsos por populares enfurecidos.

Tal como se usam diversas formas para a separação dos campos, aqui usa-se, do mesmo modo, a separação das áreas de diferentes concessões.

Essa separação, consiste em estacas cravadas no solo a intervalos regulares, as quais definem as linhas de limite.

O arranque e a deslocação furtiva de estacas de modo a beneficiar aquele que a tal procede, em desfavor de um outro, é um facto originador de frequentes diferendos, em regra arbitrados pela Delegação Marítima local.

Nos termos da lei, cada pessoa pode obter a concessão para a exploração de, no máximo, cinco depósitos que não totalizem uma área superior a mil e quinhentos metros quadrados.

Quadro nº. 32 - Área e número de depósitos

A N O S	DEPÓSITOS	Á R E A S (metros quadrados)
1961	46	38.750
1962	47	40.500
1963	69	42.250
1964	96	96.500
1965	102	98.600
1966	121	118.800
1967	121	119.250
1968	127	130.550
1969	127	131.750

Os concessionários destes depósitos, são indivíduos quer da Fuzeta quer das regiões limítrofes.

Os 127 depósitos existentes em 1969 distribuíam-se do seguinte modo (segundo o local de residência dos concessionários)

Fuzeta.....	55
Bias	55
Livramento.....	16
Torre de Ares....	1

Verifica-se porém que, apesar das referidas restrições de área e número de depósitos por concessionário, uma boa parte deles concentra-se, de facto, nas mãos de um ou dois indivíduos da Fuzeta, através de interpostas pessoas.

Assim, 41 dos 55 depósitos assinalados na Fuzeta são detidos por três indivíduos.

A exploração dos depósitos não constitui em regra a única forma de vida dos indivíduos que dispõem de concessões. A maioria deles são na realidade indivíduos (camponeses e camponeses-pescadores) de zonas vizinhas, como Bias e Livramento, pois se uma boa parte dos depósitos são para algumas pessoas da Fuzeta, o maior número de concessionários não é de lá nem ali vive.

A recolha dos mariscos dá origem à actividade de indivíduos, homens e mulheres, denominados "marisqueiros" ou "mariscadores".

Estes indivíduos, podem trabalhar quer por conta própria, quer por conta de outrem. No primeiro caso, colhem as ameijôas ainda novas nos terrenos "produtores" que depois vendem aos concessionários dos depósitos onde elas são lançadas a fim de crescerem. No segundo, como empregados dos concessionários, onde colhem as ameijôas depois de crescidas.

Dá-se também o caso de que pequenos concessionários, colham marisco nos terrenos "produtores" para lançarem nos seus próprios depósitos. Alguns dos actuais concessionários são, aliás, antigos "mariscadores".

São no geral mulheres que, no que respeita a ameijôa, desempenham esta actividade. Para isso, auxiliam-se em regra de objectos tais como pequenas pás, facas, sachos, etc., com que escavam o lodo.

Dado que as zonas onde o marisco cresce, se encontram abaixo da linha da preia-mar, aquele só pode ser colhido na maré baixa. Assim, quando desempenhada por conta de outrém, a tarefa de mariscar é paga por "marés".

A ameijôa, além dos mercados nacionais, segue também, em larga escala, o caminho dos mercados externos, onde atinge cotações bastante elevadas.

Quando é necessário desenterrar e expedir quantidades razoáveis de ameijôas, estas, à medida que vão sendo colhidas, são colocadas em tabuleiros, os quais por sua vez, são de postos debaixo de umas construções de madeira designadas "pangaios".



Fig. nº. 38 - Um "pangaio" de ameijôa

Aquí, protegidas do sol e sem se poderem alimentar (pois já estão fora do lodo), as ameijôas sofrem, durante alguns dias, transformações que favorecem, ao que parece, os seus atributos gastronómicos.

Os concessionários de depósitos, procuram normalmente estabelecer uma certa vigilância para os seus terrenos, a fim de evitar o roubo de mariscos. Assim, ou exercem-na eles próprios se têm para isso disponibilidade, ou contratam alguém para esse fim. Em alguns casos fazem construir, mesmo na área dos depósitos, pequenas casas sobre estacas, donde a vigilância pode ser mais aturada e eficaz.



Fig. nº.39 - Casa para a vigilância de depósitos.

No que respeita ao berbigão, acontece que, tradicionalmente, era um produto de baixo valôr, tanto pela reduzida procura nos mercados, como pela grande abundância com que se verificava. Assim, era sobretudo colhido para auto-consumo.

Os indivíduos, homens ou mulheres, que sistematicamente apanhavam berbigão para vender eram (e são-no ainda) considerados na Fuzeta como "pobres". Este marisco era também um recurso em tempos de dificuldades económicas. Verificou-se porém que há cerca de 4 anos, começaram a laborar instalações que preparam o berbigão em conserva, absorvendo toda a quantidade de marisco que a oferta apresentar. Tal facto levou a que maior número de indivíduos, homens e mulheres, se dedica

se, de modo mais sistemático, à vida do "bregão". Mais ainda, conduziu a que um certo número de concessionários de depósitos de ameijôas, deitasse nos seus terrenos berbigão em vez daquele marisco. Tal é compreensível se se atender a que um quilo de ameijôa pequena para deitar nas zonas de cultura vale entre 30 e 40 escudos e que são necessários 2 a 3 anos para que atinjam o tamanho necessário para venda.

Por seu lado, o berbigão colhido nos terrenos do domínio público e lançado nos depósitos, além de não valer mais do que 60 ou 70 centavos por quilo, demora apenas 3 ou 4 meses a atingir aquelas dimensões.

Assim, embora proporcionando lucros maiores devido à sua alta cotação a ameijôa requer também uma imobilização de capital mais importante e prolongada do que o berbigão, razão porque é, preferencialmente criada, por indivíduos de maior poder económico. Estes indivíduos são também, por vezes, intermediários na comercialização, na medida em que compram aos pequenos concessionários a sua produção que depois canalizam para os mercados exteriores.

Uma grande parte do berbigão que sai da Fuzeta e proximidades, não passa por qualquer período de crescimento em depósitos, sendo colhido nos terrenos do domínio público e vendido imediatamente. Esta tarefa é objecto do trabalho tanto de homens como de mulheres, sobretudo destas. Apesar do incremento sofrido pela exploração dos mariscos na área da Fuzeta, a "vida do marisco" (isto é a dos indivíduos que o recolhem e dos pequenos concessionários) continua a ter o estigma de um meio de vida bastante pobre. Da Fuzeta propriamente dita, só uma minoria continua a dedicar-se a ela, sendo os indivíduos em questão, considerados quase que marginais, quando em confronto com os homens da "caçada".



Fig. nº. 40 - A recolha de berbigão.

Finalmente, a exploração da conquilha consiste em recollecção pura e simples daquele marisco, que em seguida se vende, sem que existam quaisquer depósitos ou concessões exclusivas.

Os sítios onde ela ocorre são, conforme já referido, zonas de fundo arenoso e batidas pelo mar que mesmo na baixa-mar ficam cobertas de água. O meio utilizado para a recolha da conquilha é um arrasto, tirado por meio de uma corda que o "mariscador" passa em torno da cintura. O arrasto é constituído por um pau forte, preso a um arco de metal, do qual, parte um cone de rede fechado no fundo. Durante o arrasto o arco de metal mergulha parcialmente na areia, que é encaminhada para dentro da rede, bem como os mariscos, pedras, etc. que contiver e que ficam retidos, visto a malha ser demasiado apertada.

Devido a tratar-se de uma tarefa desempenhada sempre dentro de água, que por vezes chega até às axilas, e exigir bastante energia, a colheita de conquilhas é executada exclusivamente por homens.



Fig. nº. 41 - O aparelho para "arrastar" à conquilha.



Fig. nº. 42 - A forma de "arrastar" à conquilha.

Os produtos totais da venda de mariscos, na área da Delegação Marítima da Fuzeta e a partir de 1961, foram os: cons

tantes do quadro seguinte:

Quadro Nº.33 - Valor do marisco vendido

A N O S	ESCUDOS
1961	577.768
1962	965.858
1963	1.474.143
1964	1.162.440
1965	1.732.709
1966	2.161.186
1967	2.800.800
1968	5.506.348
1969	4.830.354

A fim de fornecer uma ideia da fracção com que participa cada tipo de marisco, para aqueles totais, dir-se-á que os 4.830.354\$00 relativo a 1969 se decompunham do seguinte modo:

- 4.587.885\$00 - Ameijôa (152.968 kg.)
- 167.249\$00 - Berbigão (408.712 kg.)
- 75.250\$00 - (Conquilha e outros (73.274 kg.)

A exploração de mariscos não tem, apesar de tudo, grande relevância sócio-económica para o geral da população da Fuzeta.

Por um lado, são ali em número relativamente reduzido, os concessionários de depósitos, e o facto de alguns deles disporem de largas porções de terrenos, não se repercute, pelo menos directamente, sobre a generalidade da população.

Por outro lado, os homens e mulheres que exercem a actividade de "mariscadores" são quase todos de fora da Fuzeta.

Tanto as mulheres que andam na apanha de ameijôa e berbigão nos terrenos produtores e as que trabalham por conta de concessionários, como os homens que se dedicam ao ar-



i.- A "caçada"

Embora as designações de "pesca do anzol grande" ou do "palangro" sejam também usadas, esta arte é, invariavelmente, designada na Fuzeta por pesca da "caçada". Embora, claro, não rejeitando outras espécies que apareçam e tenham valor, a pescada é, geralmente, o objectivo perseguido, sendo por isso as expressões "andar na caçada" e "andar à pescada" utilizadas a par para designar a actividade dos indivíduos que nela se empregam.

Esta arte, por ser a mais rendosa, é a que, de longe, e individualmente considerada, emprega mais indivíduos e mais barcos na Fuzeta. Ela é, por excelência, a pesca dos homens daqui. Segundo informações da Delegação marítima da Fuzeta, cerca de noventa por cento dos fuzetenses matriculados nas pescas locais anda na "caçada".

Durante os meses de Inverno, quando os "homens do bacalhau" se encontram na terra, estes entram em larga percentagem na constituição das companhias daquela arte, que são, então, em regra, mais numerosas. Durante os meses de ausência dos "bacalhoeiros", estes são substituídos, na maioria dos casos, por indivíduos de vizinhas localidades do campo que, trabalhando no amanho das terras durante o Inverno vêm durante o período de bom tempo e de abrandamento das tarefas rurais, trabalhar nas pescas. Quando novamente os "bacalhoeiros" e o mau tempo estiverem de volta e as courelas começarem a precisar de cuidados, eles voltarão aos trabalhos do campo. São "montanheiros", "pescadores de bom tempo", etc..

Os homens da Fuzeta, têm a noção de ser integralmente marítimos e pescadores. Os "montanheiros", pelo seu lado, são uma mistura, uma coisa híbrida, e para mais vêm trabalhar no domínio daqueles, nunca se verificando o inverso. Este sem dúvida, um factor que leva os marítimos da Fuzeta a, no seu íntimo, considerarem-se-lhes algo "superiores".

Para além, porém, destes contingentes, algo flutuantes, existe evidentemente, um grupo importante de homens da

Fuzeta, em permanência activos na "caçada". São "veranistas", entre os quais bastantes velhos que já não podem ir ao bacalhau, homens que já lá não querem ir e rapazes que preferem o serviço militar às campanhas na Terra Nova e na Gronelândia.

As embarcações aqui utilizadas, são as já referidas "caçadeiras", embarcações que, sendo no resto do País geralmente conhecidas como "traineiras", recebem aqui aquela designação por se empregarem na pesca da "caçada". Trata-se, conforme referido, do tipo maior de embarcação existente na Fuzeta. As companhias de que esta arte necessita, são, também, as maiores e oscilam entre vinte e trinta ou mais indivíduos.

É sobretudo neste tipo de pesca, que por vezes ocorre não serem os mestres os proprietários das embarcações que dirigem. Nestes casos, aliás reduzidíssimos, a propriedade pertence quer a indivíduos que durante longo tempo comandaram, mas que a idade inibe de continuarem a fazê-lo e que assim entregaram a direcção do barco a outros, geralmente familiares, ou a indivíduos ricos que, entre outros negócios, possuem um barco de pesca mas não podem ocupar-se dele pessoalmente.

Tratando-se de uma arte que tem por objectivo, essencialmente, uma determinada espécie, a pescada, foi-se criando um conhecimento de zonas onde a sua presença é mais intensa ou mais frequente. Estes pesqueiros, que são designados por "mares", abrangem áreas de dimensões muito diferentes e com as mais diversas formas, espalhando-se ao longo da costa algarvia. Os "mares" mais comumente conhecidos na Fuzeta são: o "Mar dos Corninhos", assim designado por ser de fundo rochoso; o "Mar da Cama de Vaca"; a "Borda dos Picos"; a "Borda de Leste"; o "Mar da Alface"; o "Mar do Carvoeiro"; o "Mar do Besouro"; o "Mar das Três Forcas"; o "Espigão de Albufeira"; o "Mar de Espanha"; o "Xarnal" e a "Beirinha". Os dois últimos, por se localizarem ao sul da Fuzeta, dispensando portanto viagens ao longo da costa, são os mais frequentados.

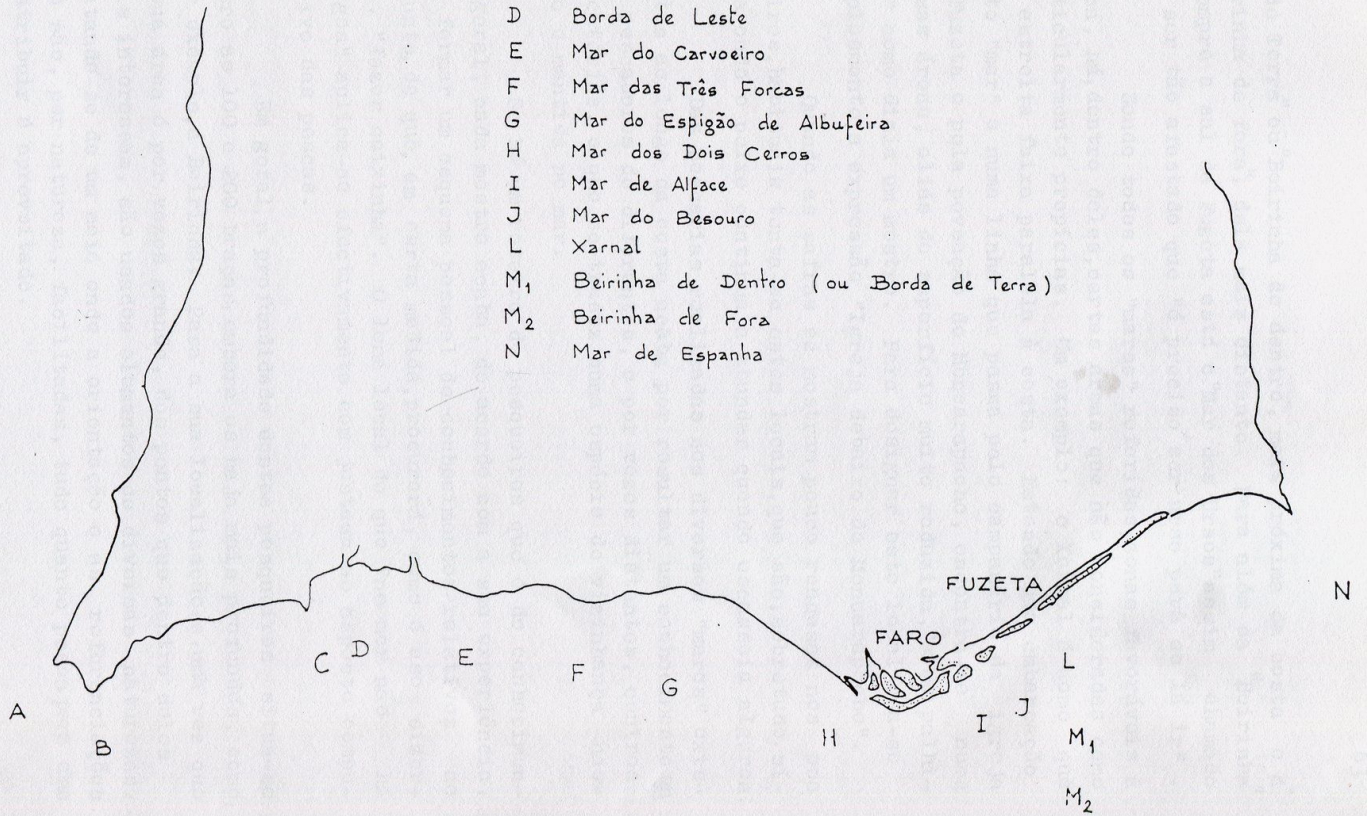
O "Xarnal" começa a cerca de 12 milhas dali e o "Beirinha", que se lhe segue, a cerca de 20. Sendo um "mar" muito extenso, a "Beirinha" encontra-se dividida em duas zonas: a "Bor

CARTA IV

LOCALIZAÇÃO APROXIMADA DE ALGUNS PESQUEIROS

escala 1 / 600.000

- A Mar dos Corninhos
- B Mar da Cama da Vaca
- C Borda dos Picos
- D Borda de Leste
- E Mar do Carvoeiro
- F Mar das Três Forcas
- G Mar do Espigão de Albufeira
- H Mar dos Dois Cerros
- I Mar de Alface
- J Mar do Besouro
- L Xarnal
- M₁ Beirinha de Dentro (ou Borda de Terra)
- M₂ Beirinha de Fora
- N Mar de Espanha



da de Terra" ou "Beirinha de dentro", mais próxima da costa e a "Beirinha de fora", dela mais distante. Para além da "Beirinha" e sempre a sul da Fuzeta está o "Mar dos Ursos" assim chamado por ser tão afastado que "é preciso ser urso para se lá ir" .

Sendo todos os "mares" referidos, zonas favoráveis à pesca, há, dentro deles, certas áreas que são consideradas como particularmente propícias. Um exemplo: o Xarnal é como que uma estreita faixa paralela à costa. Estando uma embarcação neste "mar" e numa linha que passa pelo campanário da igreja da Fuzeta e pela povoação de Moncarapacho, encontra-se numa dessas áreas, aliás de superfície muito reduzida, "só uma palhinha" como dizia um mestre. Para designar este local usa-se simplesmente a expressão "Igreja debaixo de Moncarapacho".

Quando as safras se mostram pouco rendosas nos pesqueiros, habituais tenta-se estes locais, que são, sobretudo, sítios onde o peixe continua a abundar quando escasseia algures.

Das pescarias realizadas nos diversos "mares" existentes ao longo da costa, acaba por resultar um conhecimento entre pescadores de diferentes, e por vezes distantes, centros piscatórios, e que se traduz numa espécie de vizinhança nascida e mantida no mar.

Se há um roteiro de pesqueiros que é do conhecimento geral, cada mestre acaba, de acordo com a sua experiência, por formar um esquema pessoal de conhecimentos relativos ao assunto, de que, em certa medida, procurará, como é uso dizer-se, "fazer caixinha". O lema local de que "no mar não há amigos" aplica-se efectivamente com justeza ao aspecto competitivo das pescas.

Em geral, a profundidade destes pesqueiros situa-se entre as 100 e 200 braças, embora os haja mais profundos, como, por exemplo, a Beirinha. Para a sua localização, e, uma vez que a sua área é por vezes grande, dos pontos que dentro deles mais interessam, são usados elementos de diversas naturezas. Tratando-se de um meio onde a orientação e as referências não são, por natureza, facilitadas, tudo quanto possa para elas contribuir é aproveitado.

O rumo que se toma a partir de terra, e o tempo de navegação, levam a este ou àquele "mar". Para dentro dele se localizarem zonas mais restritas, são utilizadas referências sob a forma de enfiamentos, em relação à costa, se esta se avista, e a determinação da profundidade dos locais. A determinação da profundidade, faz-se actualmente nas caçadeiras por meio de sonda eléctrica. A sonda que se utilizava antigamente é, no entanto, sempre levada nas idas ao mar, para servir no caso de aquela sofrer qualquer avaria.

As sondas primitivamente usadas, consistem num cilindro de ferro maciço com cerca de trinta centímetros de altura e oito centímetros de diâmetro nos topos. Este cilindro desce nas águas até encontrar fundo, suspenso por tantas linhas de 25 braças cada, ligadas uma às outras, quantas forem as necessárias. Se, por exemplo, para atingir o fundo foram necessárias cinco linhas e mais um bocado doutra basta adicionar às cento e vinte e cinco braças correspondentes àquelas, o número de braças que o camarado disso encarregado tenha contado a partir da sexta linha, para se determinar aproximadamente a profundidade. O cilindro de ferro tem, no topo voltado para baixo, um alvéolo que se enche de sebo, o qual, trazendo ou não agarrada alguma arcia, permite fazer uma ideia da natureza do fundo.

Se se interrogar um "camarada" sobre o local onde ele e a sua companha têm ido pescar ultimamente, ele dirá invariavelmente, que foram a este ou àquele "mar", ou a um "mar" longe ou perto, etc., mesmo que não se trate de um local já com designação própria consignada na tradição local.

Enquanto que para um indivíduo não integrado no universo local das pescas, o mar aparenta não ser mais do que uma vastidão uniforme e não significante, para os camaradas, ele ganha significação em relação a enfiamentos de terra, profundidades, naturezas de fundo, espécies marinhas e mesmo históricas e ocorrências anteriores ali verificadas. A combinação

(1) Cada braça corresponde, aqui, á largura dos braços abertos.

destes e outros factores, parece contribuir para que, no mundo psicológico dos marítimos, cada "mar" ganhe um carácter próprio, que o distingue dos outros, e cuja percepção, em termos globais e interiorizados, se torna extremamente difícil para um estrangeiro.

As embarcações utilizadas na "caçada", são a já referida "caçadeira" e três ou quatro botes. O conjunto de aparelho largado ao mar, constitui "uma caçada de anzóis". Cada "caçada de anzóis" é composta por um certo número de partes idênticas entre si e interligadas, denominadas "vãos". No mar, um "vão" tem, esquematicamente e em projecção vertical, o aspecto seguinte:

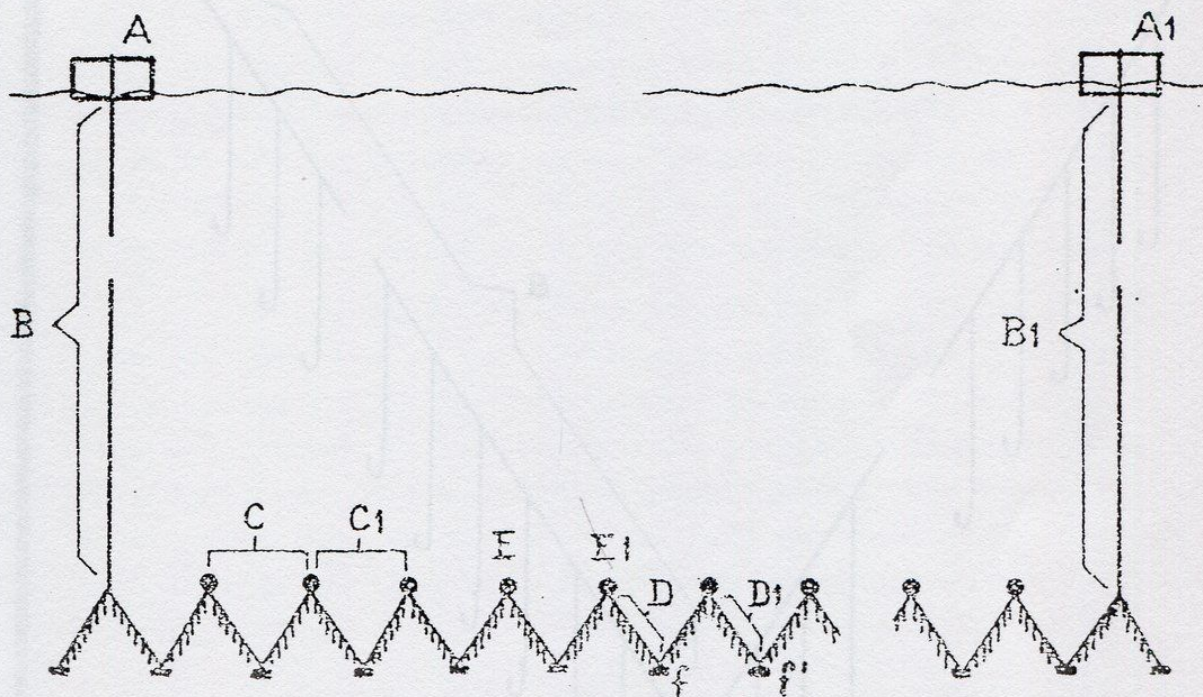


Fig. nº. 14 - Um "vão"

em que:

- A e A1 - bóias
- B e B1 - "cádas" de linhas
- C e C1 - "talas"
- D e D1 - "meias-talas"
- E e E1 - "bolas"
- F e F1 - "pandulhos"

As bóias, são como que pequenos "bidons" com cerca de meio metro de altura, onde no momento de largar, estão enroladas e no fim atadas, as "cádas" de linhas. A cada bóia corresponde uma "cáda", que é composta por 17 linhas de 25 braças cada, ligadas entre si.

Cada "vão" tem geralmente entre oito e doze "talas" (1). Uma "tala" é a porção de aparelho que vai de bola a bola, sendo estas esferas de vidro cheias de ar, que funcionam como bóias. Em esquema, uma "tala" é como segue:

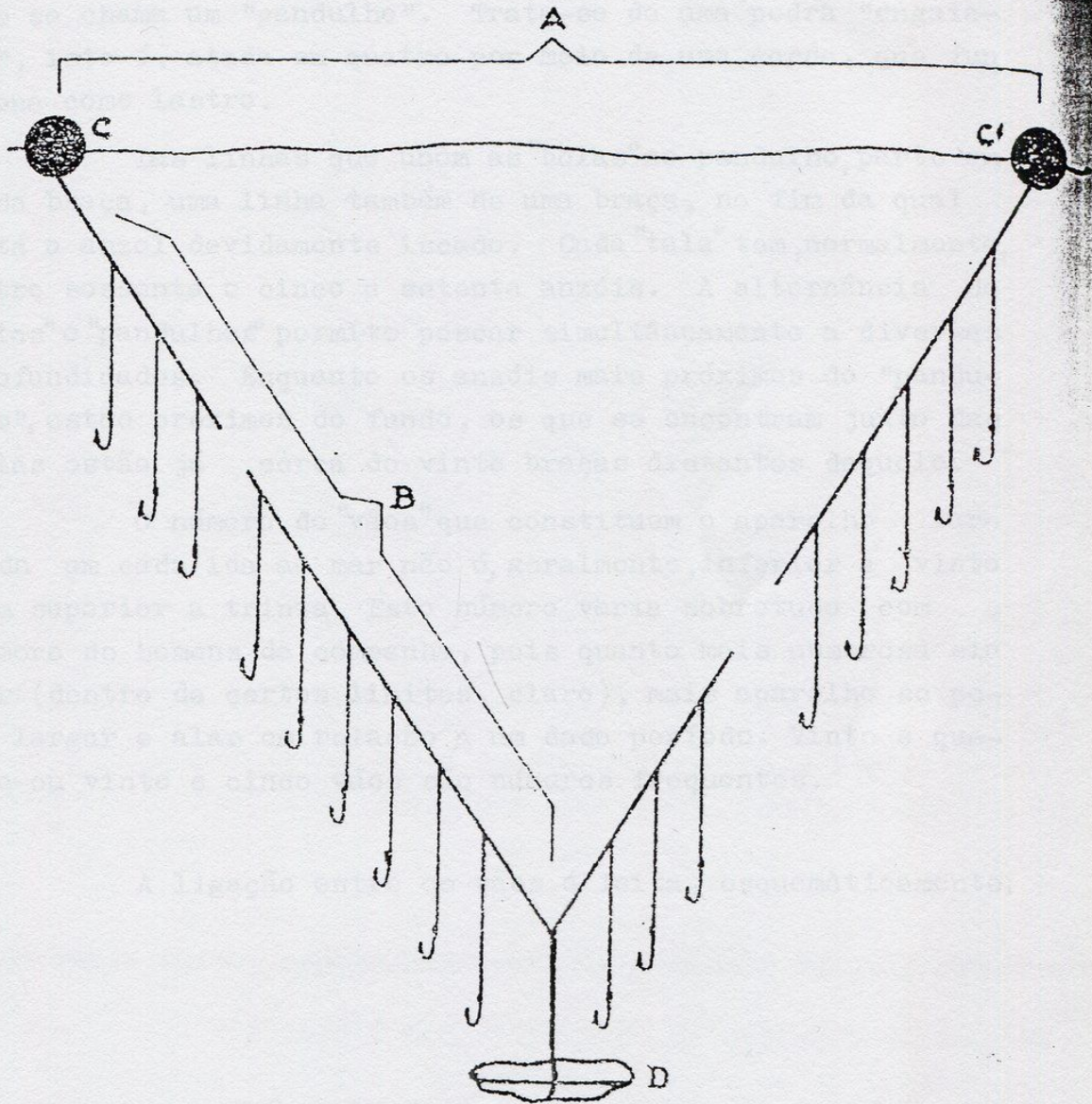


Fig. nº.15 - Uma "tala"

(1) Um vão com oito "talas" custa cerca de 700\$00. Assim um aparelho com vinte e quatro vãos destes valerá, aproximadamente, 16.800\$00.

em que:

- A - 1 "tala"
- B - 1/2 "tala"
- C e C' - "bolas"
- D - "pandulho"

Entre as duas "meias-talas" de uma "tala" encontra-se o que se chama um "pandulho". Trata-se de uma pedra "engaiada", isto é, atada em quatro por meio de uma corda, que funciona como lastro.

Das linhas que unem as "bolas" ao pandulho, parte em cada braça, uma linha também de uma braça, no fim da qual está o anzol devidamente iscado. Cada "tala" tem, normalmente, entre sessenta e cinco e setenta anzóis. A alternância de "bolas" e "pandulhos" permite pescar simultaneamente a diversas profundidades. Enquanto os anzóis mais próximos do "pandulho", estão próximos do fundo, os que se encontram junto das bolas estão já cerca de vinte braças distantes daquele.

O número de "vãos" que constituem o aparelho largada em cada ida ao mar não é, geralmente, inferior a vinte nem superior a trinta. Este número varia sobretudo com o número de homens da companhia, pois quanto mais numerosa ela fôr (dentro de certos limites, claro), mais aparelho se pode largar e alar em relação a um dado período. Vinte e quatro ou vinte e cinco vão são números frequentes.

A ligação entre os vão é feita, esquematicamente,

como segue:

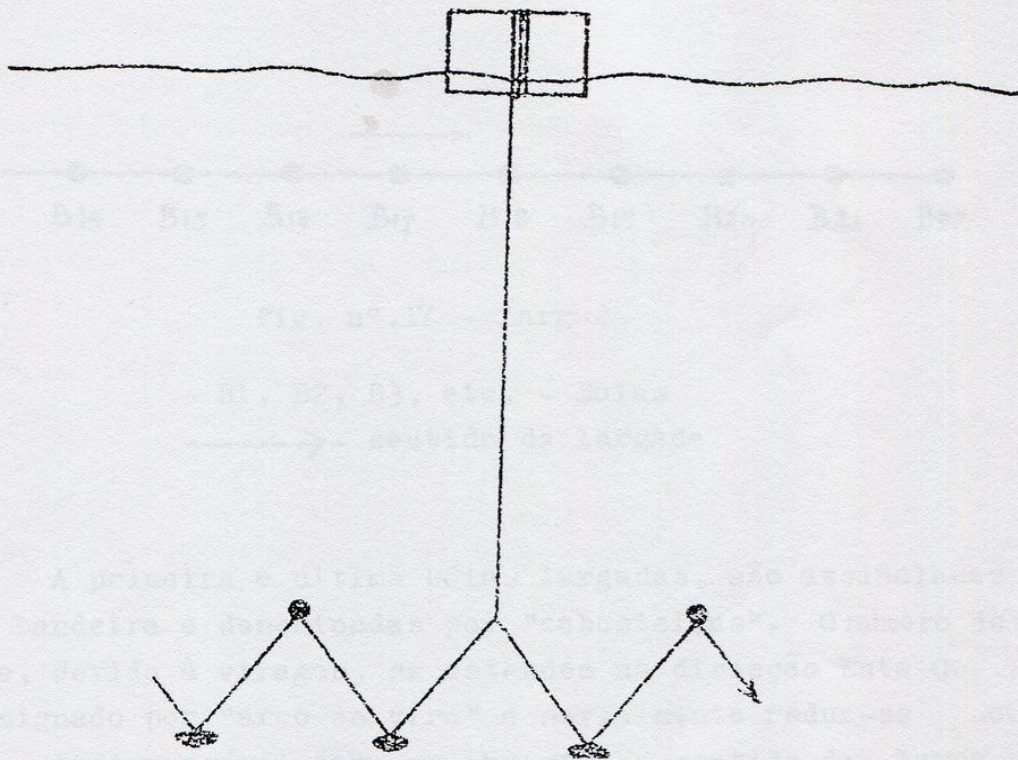


Fig. nº.16 - Junção de dois "vãos"

Fazendo um breve cálculo: 70 (anzóis por "tala") x 10 ("talas" por "vão") x 25 ("vãos" por aparelho), temos um total de 17.500 anzóis na totalidade do aparelho.

É claro que este número pode variar, e efectivamente varia muito, mas dá uma ideia da dimensão do conjunto.

O aparelho é sempre largado na direcção Norte-Sul e em ambos os sentidos, perpendicularmente ao movimento das correntes, o que parece ter influência no resultado das pes-

cas. Assim, em esquema e projecção horizontal:

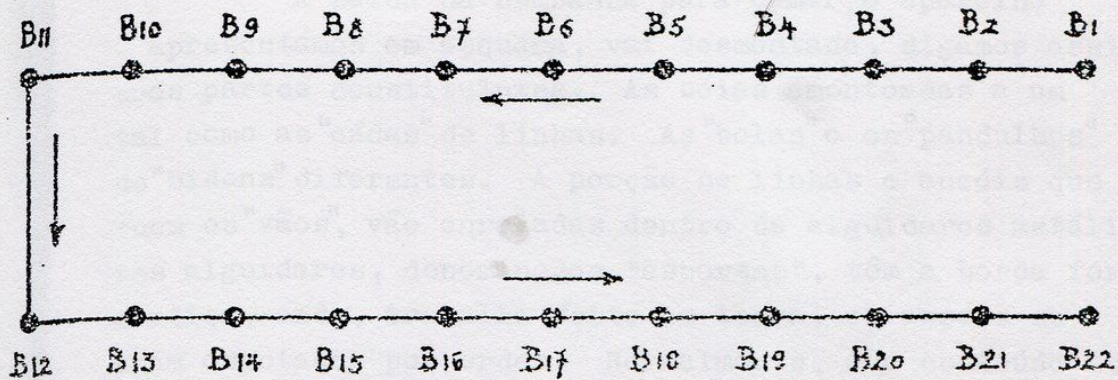


Fig. nº.17 - Largada

B1, B2, B3, etc. - Boias

→ sentido da largada

A primeira e última bóias largadas, são assinaladas com uma bandeira e denominadas por "cabasteiras". O número de "vãos" que, devido à viragem, se estendem na direcção Este-Oeste é designado por "arco da vira" e normalmente reduz-se ao único indispensável para se inverter o sentido da largada.

Se acontece que se pretende pescar a determinada profundidade, e esta varia rapidamente com a distância, procede-se de modo a que os vãos fiquem mais aglomerados. Exemplificando esquematicamente:

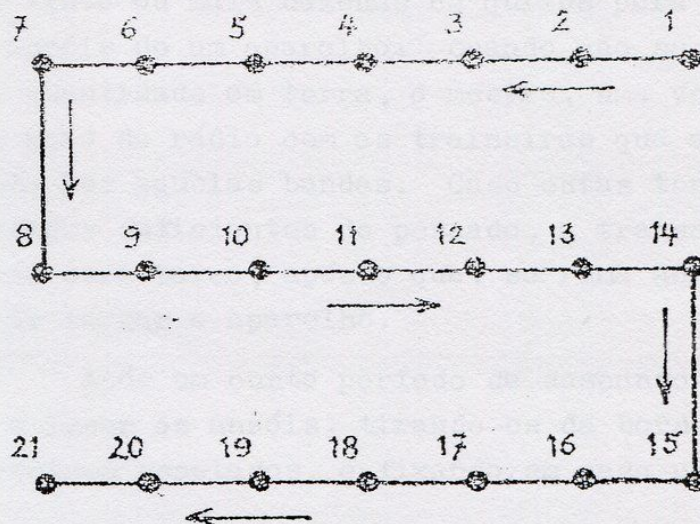


Fig. nº. 18 - Largada

A saída da companhia para o mar, o aparelho que apresentámos em esquema, vai desmontado, digamos assim, nas suas partes constituintes. As bóias amontoadas a um canto, tal como as "cádas" de linhas. As "bolas" e os "pandulhos" dentro de "bidons" diferentes. A porção de linhas e anzóis que constituem os "vãos", vão enroladas dentro de alguidares metálicos. Estes alguidares, denominados "esportas", têm a borda forrada a cortiça, onde, trabalho feito em terra, os anzóis se encontram espetados por ordem. Normalmente, é o conteúdo de duas "esportas" que constitui "um vão".

Como se pode depreender, quanto maior for a quantidade de aparelho entre duas bóias consecutivas, isto é, quanto maiores forem os "vãos", mais extensas são as perdas de material em caso de acidente. Para prevenir esta hipótese, em sítios onde ela é mais provável, como por exemplo nos fundos rochosos ("mares de pedra"), cada "vão" passa a compreender apenas o conteúdo de uma esporta, usando-se então um número dobrado de bóias para largar a mesma quantidade de aparelho.

Para uma mais clara compreensão da forma como decorre a "caçada", passamos a descrever as diversas seqüências desta safra.

A "caçadeira" sai do porto da Fuzeta e pouco depois transpõe a barra. Logo após a saída os camaradas começam a enrolar as "cádas" de linhas nas bóias, que têm pintado um número de ordem. A isca utilizada é a sardinha, de que são necessários vinte ou mais dezenas de quilos para iscar a totalidade de anzóis de um aparelho. Quando não se consegue arranjar aquela quantidade em terra, o mestre, uma vez no mar, contacta por meio de rádio com as trainceiras que andam na pesca da sardinha por aquelas bandas. Caso estas tenham conseguido quantidades suficientes de pescado, a transacção efectua-se de barco para barco, após o que, se ruma ao "mar" onde se tenciona ir largar o aparelho.

Após um curto período de descanso os camaradas começam a iscar os anzóis, tirando-os da borda de cortiça onde se encontram espetados, e fixando, em cada um, uma sardinha. A

medida que vão sofrendo esta operação, passam a ficar pendentes, na parte exterior do rebordo.

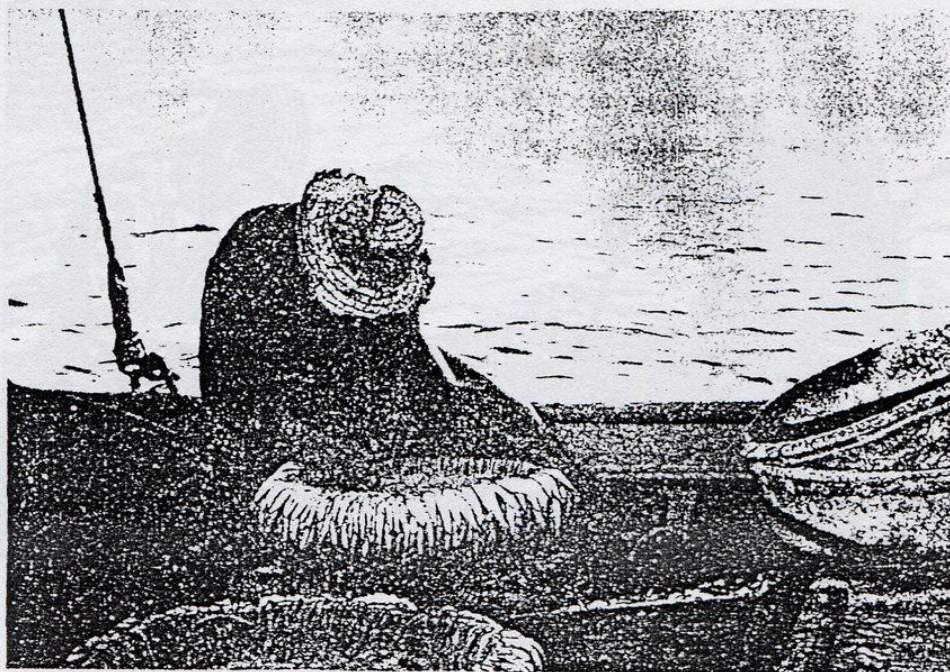


Fig. nº. 19 - Iscando uma "esporta".

A fim de que, com o peso dos anzóis iscados, os correspondentes fios enrolados dentro da "esporta" não tenham tendência a sair, foi aquela previamente enchida de areia. Antes da vulgarização dos fios de nylon, os aparelhos eram constituídos por linhas de algodão, e canastras de verga substituíam as esportas. O aparelho era largado à mão num processo bastante moroso. O processo actualmente utilizado é muito mais rápido e, por esta razão, denominado pelos "camaradas" por "largar de avião".

Esta operação envolve os seus riscos pois devido à grande velocidade com que as linhas são desenroladas, há o perigo de grãos de areia saltarem para os olhos e também de algum anzol se prender ao corpo. Aconteceu já que a um camarada que estava a largar se lhe prendeu um anzol numa das mãos. Não teve outro remédio senão atirar-se ao mar, caso contrário, devido à resistência do "nylon", teria ficado com a mão completamente rasgada.

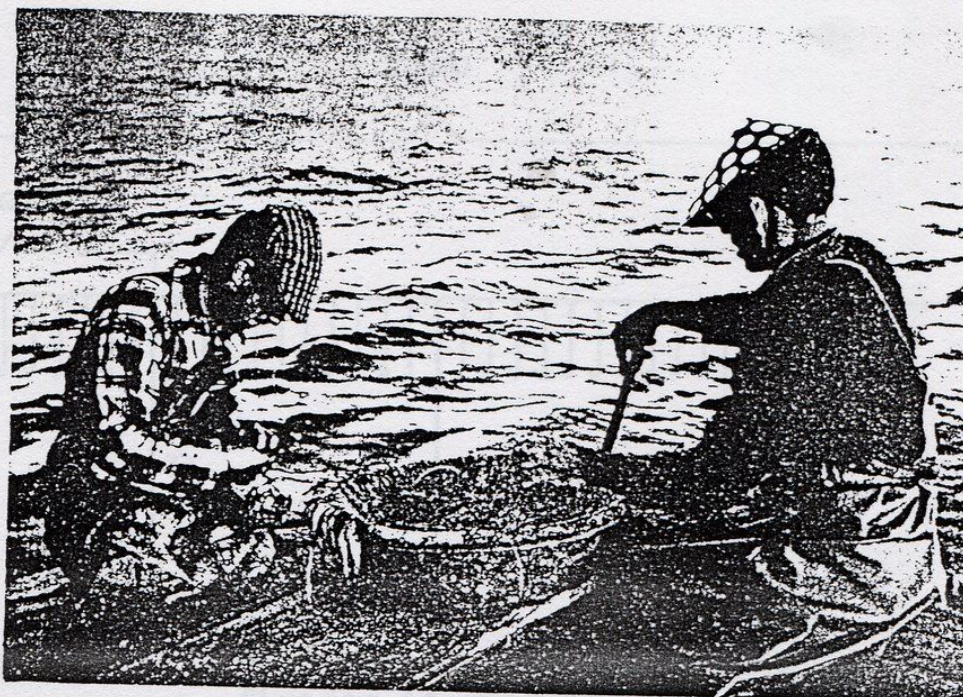


Fig. nº. 20 - Largada de "avião".

Vejamos porém como se processa a largada.

Uma vez atingido o "mar" visado, a marcha é reduzida. Na ré, junto a uma "mesa" construída na pôpa sentam-se dois homens. Sobre aquela, uma "esporta"; ao alcance da mão os recipientes com as "bolas" e os "pandulhos". A bóia 1, com a respectiva "cáda" enrolada, é deitada ao mar. Junto a ela fica um bote com dois homens. A parte da "cáda" que não está fixada à bóia, é atada à primeira ponta do "meio vão" cuja "esporta" está sobre a "mesa". Na primeira escota é atado um "pandulho". Com o andamento do barco, o aparelho que a "esporta" contém vai-se desenrolando rapidamente. De meia em meia "tala", "bolas" e "pandulhos" vão sendo alternadamente fixados ao aparelho. Para que tal se possa fazer antes de chegado o momento exacto da queda no mar da zona correspondente do "vão", há escotas de cores diferentes a assinalá-la, às quais aqueles objectos são atados.

Vejamos um esquema.

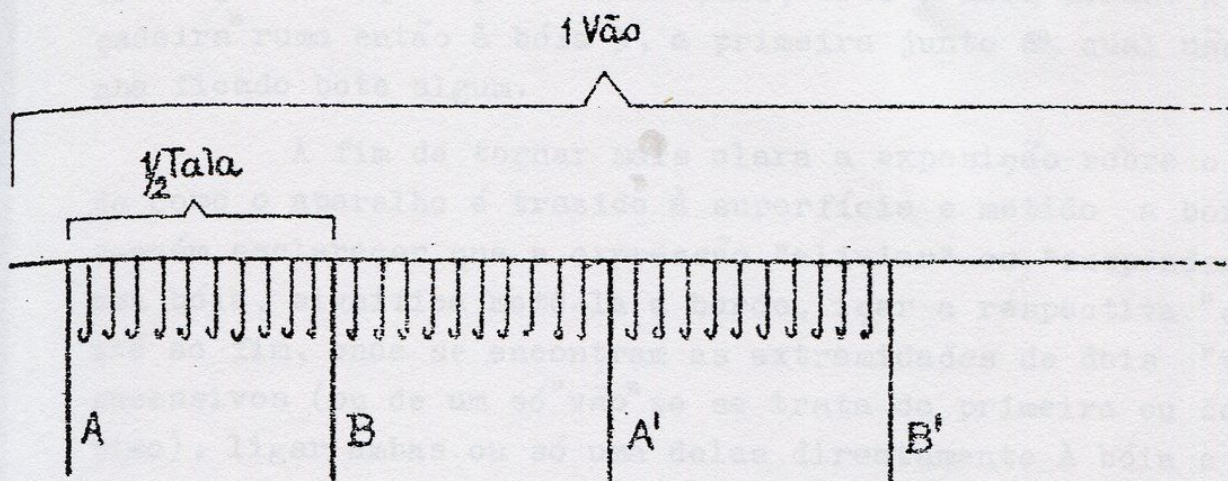


Fig. nº. 21 - Como as "bolas" e "pandulhos" são fixados ao aparelho.

A e A' - escotas verdes, recebem "pandulhos"
B e B' - " vermelhas, recebem "bolas."

Após o primeiro "meio-vão" largado, nova "esporta" cheia vem substituir a vazia. Os extremos dos dois "meios-vãos" são atados um ao outro e o processo continua. No fim do primeiro vão, a extremidade deste é fixada à ponta da "cáda" da bóia 2. O mesmo acontece ao extremo inicial do segundo "vão". Aquela bóia é então lançada. Junto dela fica novo bote com dois homens e a largada prossegue nos mesmos moldes. Entretanto, o peso do aparelho, levando-o até ao fundo, vai lentamente desenrolando as "cádas" das bóias, até ao nó que as une. Os dois camaradas sentados junto da mesa, têm por missão, além de atar as bóias e "pandulhos", facilitar o desenrolar do fio na "esporta" e cortar imediatamente qualquer fio cujo anzol se prenda.

Prosseguindo na largada, mais dois botes são deixados no mar, um junto da bóia 3, o outro junto da bóia 4. Daí para a frente as bóias ficam sozinhas. A largada continua, ininterrupta, até se lançar a última bóia, a 24 ou 25. Logo após, o mestre acciona a sereia, dando sinal aos botes, que se encontram muito longe da vista, para começarem a alar. Nesta

altura já os primeiros vãos pescaram todo o tempo de duração da largada, a qual pode durar duas, três e mais horas. A "cadeira" ruma então à bóia 5, a primeira junto da qual não ti nha ficado bote algum.

A fim de tornar mais clara a exposição sobre o modo como o aparelho é trazido à superfície e metido a bordo, convém esclarecer que a expressão "aliviar" ou "suspender" uma bóia, significa metê-la a bordo, içar a respectiva "cáda" até ao fim, onde se encontram as extremidades de dois "vãos" sucessivos (ou de um só "vão" se se trata do primeiro ou do último), ligar ambas ou só uma delas directamente à bóia e largar esta novamente ao mar. Em esquema, será como segue:

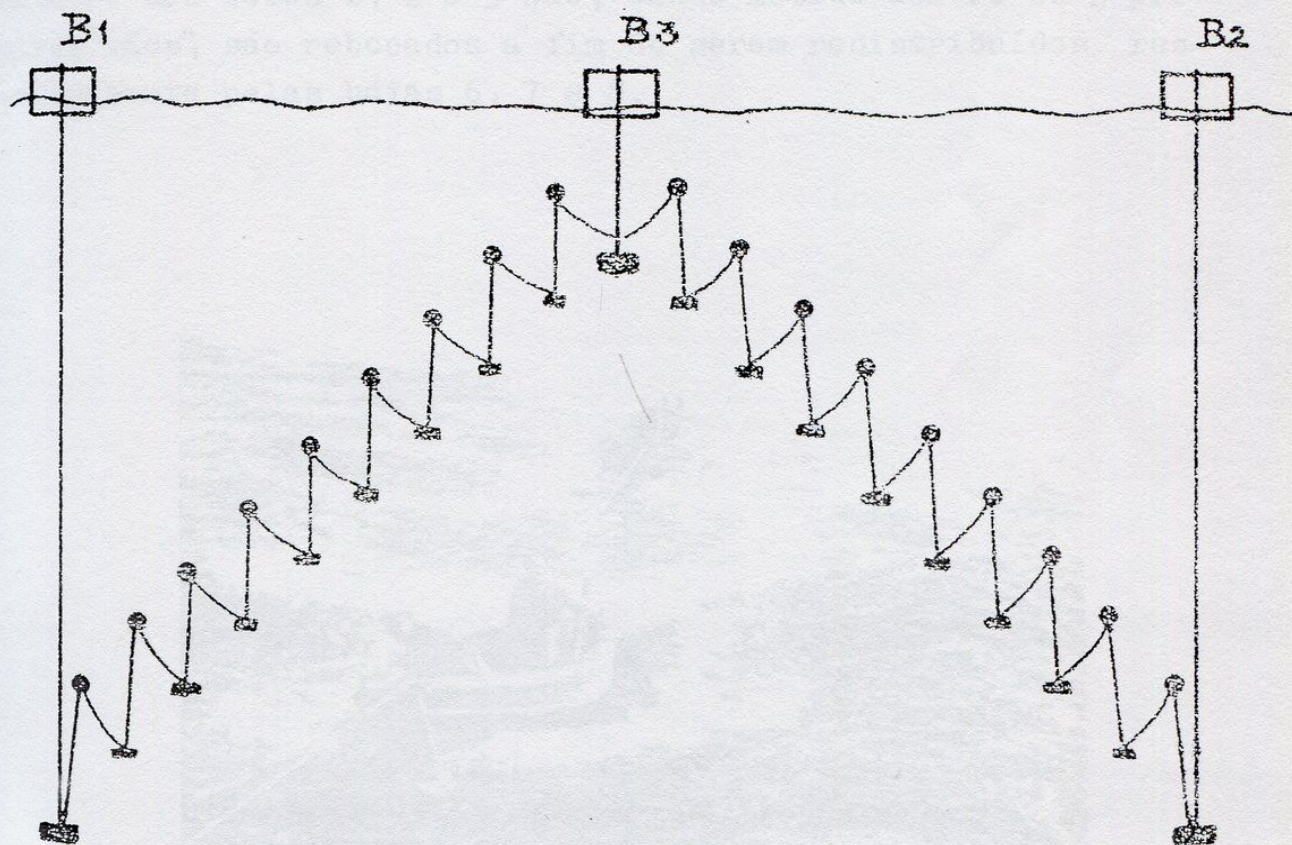


Fig. nº. 22 - Boias "aliviadas" e "não aliviadas".

B1 e B2 - Bóias não "aliviadas"
B3 - Bóia "aliviada" .

O objectivo da operação resume-se, portanto, a retirar a "cáda" da bóia, podendo em seguida ligar directamente os respectivos "vãos", ou não. Por botes 1, 2, 3 e 4, designaremos os que, de início, ficaram, respectivamente junto das bóias 1, 2, 3 e 4. Dado, por meio da sereia, o sinal aos botes para começarem a alar, o processo desenrola-se da seguinte maneira: o bote 1 mete dentro a bóia 1 e ála em direcção à bóia 2. O bote 2 "alivia" a bóia 2 e recolhe aparelho até à bóia 3 que mete dentro. O bote 3 suspende a bóia 3 e ála em direcção à seguinte, a 4, que igualmente recolhe. O bote 4, suspende a bóia do mesmo número e ála até à 5. Por sua vez, a "caçadeira" uma vez chegada junto da bóia 5, "alivia" simplesmente esta, não alando qualquer aparelho. Terminada esta operação, dirige-se ao encontro dos botes 1, 2 e 3 que, tendo metido dentro os 3 primeiros "vãos", são rebocados a fim de serem redistribuídos respectivamente pelas bóias 6, 7 e 8.



Fig. nº. 23 - Os botes são rebocados pela "caçadeira".

O bote 4, entretanto, tem de esperar que o bote 1 "suspenda" a bóia 6, e ála o quinto e sexto "vãos", metendo a bordo as bóias do mesmo número. A "caçadeira", por seu lado, depois

da redistribuição dos botes, vai aliviar as bóias 9 e 10, após o que torna a voltar atrás, reboca os botes 4, 1 e 2, que já meteram dentro todo o aparelho e distribui-os pelas bóias 11, 12 e 13 respectivamente, seguindo o processo até a última bóia, a 25 ser levantada.

Em esquema:

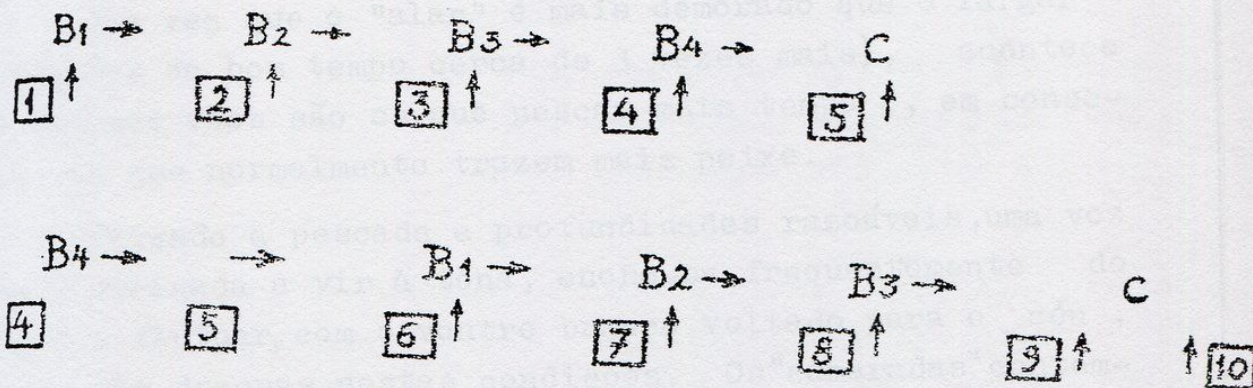


Fig. nº. 24 - Esquema da recolha do aparelho

- - Bóias
- B - Botes
- C - "Caçadeira"
- ↑ - Aliviar 1 bóia
- - Meter dentro aparelho.

O alar dos 4 primeiros "vãos" é, para uma visão mais clara do modo como se desenrola, em baixo representado em projecção vertical:

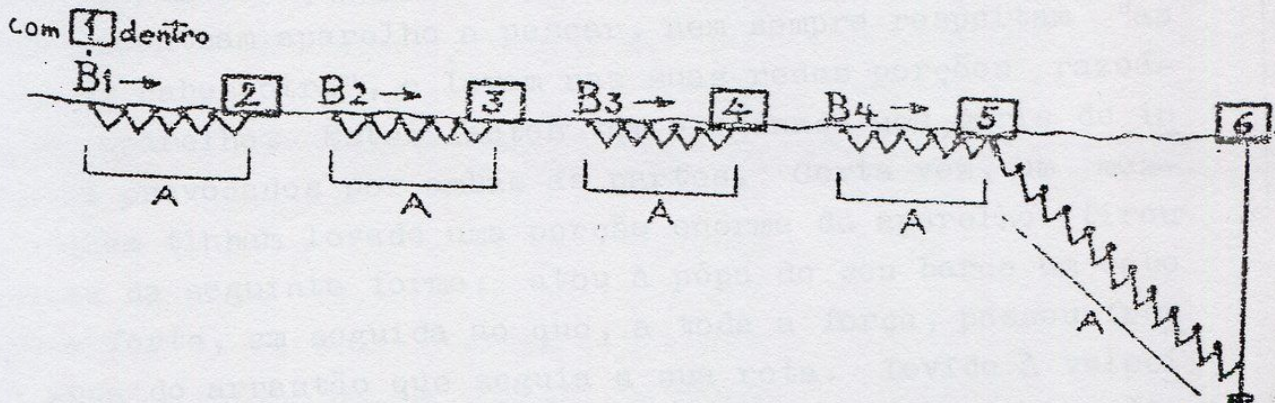


Fig. nº. 25 - Esquema da recolha do aparelho.

- A - Uma "tala"
- B - Botes
- - Bóias
- - Alar

O aparelho é totalmente alado à mão. Para o efeito, num dos bordos da "caçadeira" e na proa dos botes, dispõem-se roldanas que encaminham e facilitam a passagem da linha. Os camaradas que devem içar, usam, para proteger as mãos, umas argolas de borracha, com uma calha onde a linha pode ser apertada mediante pressão dos dedos, e que designam por "népas".

Uma vez que o "alar" é mais demorado que o largar (em condições de bom tempo cerca de 3 vezes mais), acontece que os últimos vãos são os que pescam mais tempo e, em consequência, os que normalmente trazem mais peixe.

Vivendo a pescada a profundidades razoáveis, uma vez fisgada e obrigada a vir à tona, enche-se frequentemente de ar e fica a flutuar, com o ventre branco voltado para o céu. Por vezes são dezenas nestas condições. Os "camaradas" contemplam e fazem cálculos. Dizia-me um certa vez: "É uma coisa bonita de ver, hem !!...". Aquela "bonita" associava intimamente beleza e fartura, num só sentimento, aliás compreensível, dentro das condições que o geraram.

Por vezes, peixes já de certas dimensões, mesmo para além da centena de quilos, vêm nos anzóis. É surpreendente a facilidade com que vêm à tona. A parte mais dura consiste então em metê-los a bordo, o que se consegue por meio de cabos diversos.

Um dos maiores problemas que defrontam as companhias da "caçada", é originado pelo procedimento de alguns barcos de arrasto espanhóis que pescam nas mesmas águas. Acontece que quando encontram aparelho a pescar, nem sempre respeitam "as terras da cabesteira", e levam nas suas redes porções razoáveis de aparelho. Estes factos têm originado uma série de incidentes provocados por ambas as partes. Certa vez, um mestre a quem tinham levado uma porção enorme de aparelho tirou vingança da seguinte forma: atou à pôpa do seu barco um cabo longo e forte, em seguida ao que, a toda a força, passou frente à proa do arrastão que seguia a sua rota. Devido à velocidade da "caçadeira", o cabo não mergulhou, de modo que, ao atingir a hélice do barco espanhol, ali se enredou de tal maneira

que aquele teve de ser rebocado.

Para prevenir estas ocorrências, os marinheiros espanhóis vêm por vezes armados com espingardas. Um dia em que o mestre acima referido, de tal modo prejudicado nos seus haveres, tentou proceder da mesma maneira, viu-se ameaçado com arma de fogo, pelo que teve de desistir do seu intento.

Ainda antes de o aparelho ter sido totalmente alado, ao peixe que os botes passam para bordo são retiradas as vísceras, se se trata de espécies susceptíveis de se deteriorarem mais rapidamente.

Além de pescadas acontece virem nos anzóis, com maior ou menor frequência, outras espécies como peixe espada, espadarte, imperador (ao qual, por ser vermelho, os pescadores dão o nome de "comunista") xaputa, cherno, lixa, etc..

Finda a pesca (que, compreendidos os processos de largar e alar pode durar 6, 8, 10 horas) o barco rumo para a costa. Se o porto de destino é outro que não a Fuzeta, não podendo os camaradas, portanto, ir comer a casa, faz-se a bordo uma abundante caldeirada, em que se come do melhor peixe apresado.

A fim de poderem seguir de terra as peripécias da pesca, as famílias de marítimos possuem rádios, quase sempre capazes de receber a onda marítima. Assim, sabe-se sempre como vão correndo as coisas, qual o porto para que o barco se dirige e a que hora se pensa ali chegar. Se se trata de um centro relativamente próximo da Fuzeta, como Olhão, as mulheres dos "camaradas" para ali se dirigem, levando-lhes "os aviamentos" e partilhando da caldeirada, o mesmo ¹ ficando quando se trata de locais mais ² os homens chegam a terra para ³ dis ⁴ cais onde se tenciona ir pescar, etc. ⁵ duas horas depois. Nestas condições ⁶ temente fragmentário, distribuindo-se ⁷ tréguas da faina. ⁸ empregada ⁹ indo, domes

Em traços genéricos, é este o ritmo de vida usual dos homens da "caçada". Até há 4 ou 5 anos não havia qualquer dia pré-estipulado para descanso semanal. As companhias saíam sempre que o tempo o permitia e desde que não fossem necessários quaisquer trabalhos de reparação ou manutenção. Posteriormente, porém, fixou-se que o domingo seria, em princípio, o dia de descanso semanal. Se, porém, acontecer que por qualquer razão não se pôde ir ao mar durante algum dia da semana, ou que, tendo-se saído, a pesca não foi rendosa, o domingo é aproveitado como dia de trabalho.

A propósito do descanso semanal dizia-me certa vez um mestre: "A malta agora quer cada vez mais comodidades. O meu pai nunca teve dia de descanso... Sempre que podia ia ao mar... Agora já querem ter um dia por semana para descansar. Antigamente dormiam de qualquer maneira na cobertura e não se importavam. Agora já querem beliches para dormir. Quando eu tinha a idade do meu filho (este era camarada da sua companhia) passava o tempo todo à volta do trabalho. Agora, ele e os outros mais novos só querem chegar a terra para ir para os bailes e para as "farras"."

As "contas", isto é, a distribuição das "partes" a cada um, fazem-se no primeiro dia em que não se vai ao mar, quer seja domingo ou dia de semana. Nessa altura, as camaradas juntam-se na rua em frente da casa do mestre, na conversa ou sentados no chão a "desempachar"⁽¹⁾ o aparelho, enquanto esperam.

O sistema de remuneração da "caçada", segue as normas básicas já referidas anteriormente, apresentando, porém, algumas particularidades.

Assim, o "motorista" recebe, além da "parte" que lhe compete como camarada, em geral, mais meia parte, que lhe é dada pelo mestre, das partes que cabem ao barco, tendo além dis

(1) "Desempachar" é expressão de sentido muito lato empregada na Fuzeta para indicar desembaraçar desobstruindo, do mesmo modo que "empachar" significa o oposto.

so um vencimento fixo, que orça normalmente os quinhentos ou seiscentos escudos e tem a mesma proveniência.

Os já referidos "moços", rapazes que ainda não atingiram os 14 anos de idade para poderem embarcar como pescadores, e que se encarregam de pequenos serviços para a companhia sem no entanto serem considerados como a ela pertencendo, recebem em regra entre meia "parte" e "três quartões".

As "partes de fora" eram inicialmente atribuídas apenas aos camaradas que "iam aos botes" durante a safra. Como este serviço é feito por escala, ao fim de um certo período todos os camaradas a recebiam. O mestre e o "motorista", que não poderiam nunca abandonar a "caçadeira", receberam-nas sempre. Actualmente, as "partes de fora" são uniformemente distribuídas por toda a "companha".

Na pesca da caçada, fazem-se ainda as chamadas "partes de linhas". Acontece que, em geral, as "cádas" de linhas que, presas às bóias, suspendem o aparelho, são propriedade dos "camaradas" e não do mestre, sendo aqueles em virtude disso remunerados através de um certo número de "partes".

De registar finalmente que alguns mestres dão do seu quinhão um quarto ou uma meia-parte, aos homens que largaram o aparelho, devido aos riscos que tal processo envolve.

Vejamos um exemplo concreto de distribuição de rendimentos:

Uma companhia tem 29 homens (27 "camaradas" mais o motorista e o mestre) e dois moços e faz 54 "partes", assim distribuídas:

	14 "partes" para o barco
	29 "partes" para a companhia
	1 "parte" (duas meias partes) para os "moços"
	6 "partes de fora"
	4 "partes de linhas"
Total	<hr/> 54 "partes"

Supunhamos que deduzidas as despesas da isca, do ga-sóleo e os descontos legais a quantia que resta é x. Cada uma

das "partes" corresponderá, então a $\frac{x}{54}$, que faremos equivaler a y , sendo cada classe de indivíduos remunerada como segue:

$$\text{"Mestre"} \left\{ \begin{array}{l} 14y \text{ - "partes" do barco} \\ y \text{ - "parte" de camarada} \\ \frac{6y}{29} \text{ - "parte de fora"} \end{array} \right.$$

$$\text{"Motorista"} \left\{ \begin{array}{l} 600\$00 \text{ (remuneração fixa dada pelo mestre das partes do barco)} \\ y \text{ - "parte de camarada"} \\ \frac{y}{2} \text{ - "meia parte" dada pelo mestre das "partes" do barco} \\ \frac{6y}{29} \text{ - "partes de fora"} \end{array} \right.$$

$$\text{"Camarada"} \left\{ \begin{array}{l} y \text{ - "parte de camarada"} \\ \frac{6y}{29} \text{ - "parte de fora"} \\ \frac{4y}{27} \text{ - "parte de linhas"} \end{array} \right. (1)$$

$$\text{"Camarada" que largou de "avião"} \left\{ \begin{array}{l} y \text{ - "parte de camarada"} \\ \frac{6y}{29} \text{ - "parte de fora"} \\ \frac{4y}{27} \text{ - "parte de linhas"} \\ \frac{y}{4} \text{ - prémio por largar aparelho, dado pelo mestre} \end{array} \right.$$

$$\text{"Moço"} \left\{ \frac{y}{2} \text{ - "meia parte"} \right.$$

Caso o mestre não seja o proprietário do barco, sendo portanto "mestre interino", recebe as "partes" que lhe compete como "camarada" mais umas quantas (normalmente duas) que o

(1) O mestre e o motorista não recebem "partes de linhas".

patrão lhe dá das "partes" do barco.

As alterações estacionais no ritmo de actividade da pesca da "caçada" ficam a dever-se sobretudo a dois factores: o estado do tempo e as disponibilidades em isca, que é, exclusivamente sardinha. As condições desfavoráveis do tempo no Inverno limitam por essa altura as saídas para o mar. Por sua vez, a pesca da sardinha tem um período de defeso que compreende os meses de Fevereiro e Março. Neste período, a actividade da "caçada" é quase nula, empregando-se normalmente os "camaradas" em pescas de outra natureza ou ajudando em trabalhos de manutenção (não remunerados) na embarcação da "companha" a que pertencem.

ii.- A pesca da "palangrinha"

A pesca da "palangrinha" ou do "anzol pequeno" é, em muitos dos seus aspectos como que uma miniatura da "caçada", sendo comumente designada, apenas, por "pesca do anzol".

Na Fuzeta propriamente dita, são em número bastante reduzido os indivíduos que a ela se dedicam, não devendo o número de companhas e, portanto, de embarcações, ultrapassar dois ou três, normalmente. Apesar de um pouco mais elevado, em alguns aglomerados limítrofes, o número de barcos da palangrinha não deve, no entanto, ser ali muito superior ao dos existentes na Fuzeta.

O tipo de embarcação usado nesta arte é, geralmente, a "motora".

As "companhas" são, aqui, no geral, constituídas por três ou quatro camaradas incluindo o mestre, que é simultaneamente timoneiro e "motorista".

Como o nome sugere, e aliás se referiu, esta arte apresenta grandes similitudes, no aspecto técnico, com a pesca do anzol grande. Tal como nesta, o aparelho é composto de secções semelhantes aos "vãos", suspensas de bóias por meio de linhas. O número daquelas secções anda em regra entre seis e dez. Não há, porém, o equivalente às "talas", pois o empre

go alternado e sucessivo de "bolas" e "pandulhos", não é aqui praticado, utilizando-se apenas os "pandulhos" como lastro necessário para fazer descer o aparelho. O comprimento de cada "vão" é, no geral, de vinte a vinte e cinco braças, comportando um número de anzóis que, embora muito variável, orça geralmente pelos quinhentos. Em projecção vertical, o aspecto é o que segue:

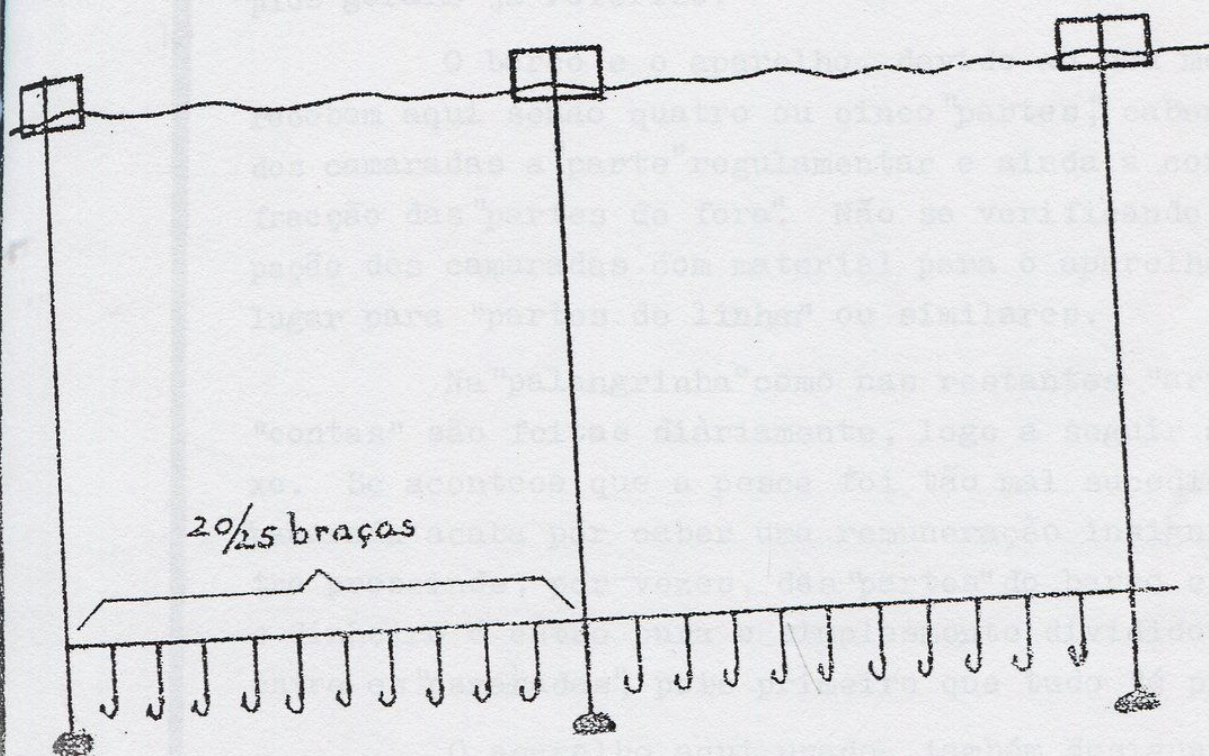


Fig. nº. 26 - Aparelho da "palangrinha".

O aparelho é aqui largado e alado à mão. O tempo de largada varia, evidentemente, com a quantidade de aparelho, ocupando em média entre uma e duas horas. Conforme aquela e o tempo de que se dispõe, assim se pode deixar o aparelho a pescar durante algum tempo, ou se começa a recolhê-lo logo após ser lançada ao mar a última bóia, o que se processa sem o auxílio de botes, ao contrário do que acontecia na "caçada".

O tipo de iscas usadas, pode variar entre a sardinha, o casulo e o camarão.

A pesca da "palangrinha" desenrola-se em zonas relativamente próximas da costa. Os marítimos nela empregados fazem a distinção entre "Mar de terra" e "Mar de fora". O primeiro inclui as profundidades até cerca de 10 braças, onde se apanha, no geral, peixe mais miúdo, como besugos, fanecas, etc.. No "Mar de fora", situado para além daquele limite, o peixe é normalmente mais "grado" e abundante do que em zonas mais baixas.

O esquema da distribuição dos ganhos segue os princípios gerais já referido.

O barco e o aparelho, devido ao seu menor valor, não recebem aqui senão quatro ou cinco "partes", cabendo a cada um dos camaradas a "parte" regulamentar e ainda a correspondente fracção das "partes de fora". Não se verificando uma comparticipação dos camaradas com material para o aparelho não há aqui lugar para "partes de linhas" ou similares.

Na "palangrinha" como nas restantes "artes pobres", as "contas" são feitas diariamente, logo a seguir à venda do peixe. Se acontece que a pesca foi tão mal sucedida, que a cada "camarada" acaba por caber uma remuneração insignificante, o mestre prescinde, por vezes, das "partes" do barco e do aparelho, e o dinheiro é então pura e simplesmente dividido em partes iguais entre os "camaradas", pois primeiro que tudo "é preciso comer".

O aparelho aqui usado, também designado "aparelho fino", é por vezes usado de forma diferentes. É o caso sobretudo de marítimos que não dispõem de embarcações em boas condições ou que, sendo já velhos, não estão dispostos a afrontar o mar em dias de temporal. Procedem então do seguinte modo: na baía, abrem um sulco no fundo da Ria, onde enterram o cabo do qual partem os fios com os anzóis.

A disposição é a seguinte:

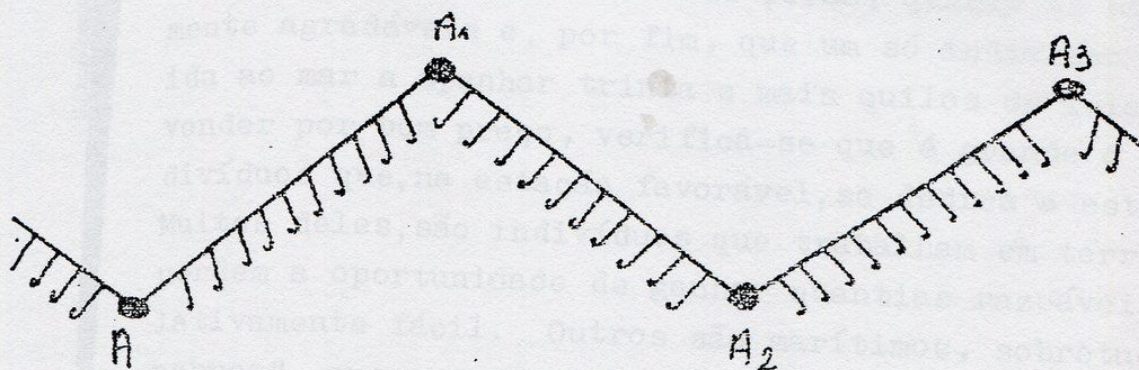


Fig. nº. 26A Pesca de "aparelho fino".

A, A1, A2 e A3 - "Pandulhos" destinados a evitar o arrasto do aparelho.

Depois de iscado, o aparelho é assim deixado durante a preia-mar. Na maré baixa seguinte recolhe-se então o peixe apesado.

iii.- A pesca da lula

A pesca da lula, é uma actividade que apresenta algumas características particulares, em relação àquelas de que até agora nos ocupámos. Trata-se de uma pesca que é feita sobretudo nos meses de Estio. Individualmente considerada, cada unidade piscatória ostenta dimensões pouco importantes, no que respeita aos meios técnicos e humanos. A embarcação utilizada é o bote ou, por vezes, o dória, tripulada por apenas um indivíduo ou, por vezes, dois. Como aparelho é usada uma "toneira" suspensa de um fio de nylon. A "toneira" é um pedaço de chumbo de forma mais ou menos cilíndrica, ao qual estão presas, a toda a volta, agulhas dobradas a meio com as pontas voltadas para cima.

Dado que muito indivíduos da Fuzeta, mesmo não marítimos, possuem botes; que o aparelho necessário é de pouca monta; que a pesca só é feita de Verão, quando as noites são usualmente agradáveis e, por fim, que um só indivíduo chega numa ida ao mar a apanhar trinta e mais quilos de lulas, que pode vender por bom preço, verifica-se que é grande o número de indivíduos que, na estação favorável, se dedica a esta modalidade. Muitos deles, são indivíduos que trabalham em terra, mas que não perdem a oportunidade de ganhar quantias razoáveis, de modo relativamente fácil. Outros são marítimos, sobretudo das "artes pobres", que encontram nesta pesca maiores possibilidades e proventos do que na sua actividade habitual.

Esta pesca desenrola-se desde o fim do dia até ao nascer do sol, entre uma e duas milhas da costa.

O engodo é constituído pela luz de três ou quatro "faróis bizarros"⁽¹⁾ dispostos na borda da embarcação. A pesca propriamente dita limita-se então a, uma vez a "toneira" descida até ao fundo, deslocá-la para cima e para baixo com repetidos movimentos de braço. Estes movimentos, levam a que seja tomada por uma presa à qual a lula se agarra por meio dos tentáculos, sendo então trazida à superfície.

Ao que parece, as lulas, em largos cardumes, afastam-se da costa para maiores profundidades com o nascer do dia, só regressando com a cair da noite. De facto, mal a aurora começa a despontar, a quantidade de animais apresados diminui, sendo então que as embarcações regressam a terra.

b.2.2.2.- Pesca com alcatruzes

Esta arte, que visa exclusivamente a captura de uma espécie, o polvo (os homens que a ela se dedicam são, frequentemente, designados por "polveiros") apresenta, em relação às anteriores,

(1) Luz disposta de modo a iluminar as águas e que, no geral, é fornecida por um "Petromax".

uma técnica muito diversa.

Parece terem sido os "bacalhoeiros" que a vulgarizaram na Fuzeta, dedicando-se a ela durante o período do ano que ali passavam. Ao partirem para o "bacalhau", encalhavam as embarcações e empilhavam os alcatruzes, que assim ficavam até ao seu regresso. Esta arte deixou, já há bastante tempo, de ser um exclusivo dos "homens do bacalhau", embora alguns deles a continuem a praticar nos moldes referidos. É sobretudo nos aglomerados vizinhos que se encontram os indivíduos que a ela se dedicam em permanência. De tal modo que, quando os "bacalhoeiros" se encontram na safra, acontece, por vezes, não haver ninguém na Fuzeta propriamente dita, a "governar-se nos alcatruzes".

Os quantitativos de pessoal matriculado e de embarcações registadas (sempre em 31 de Dezembro de cada ano) foram a partir de 1961 os seguintes:

Quadro nº.25 - Pessoal e embarcações nos alcatruzes

A N O S	PESSOAL	EMBARCAÇÕES
1961	60	28
1962	103	22
1963	85	18
1964	83	20
1965	120	24
1966	109	21
1967	108	22
1968	131	23
1969	48	15

Transformados estes quantitativos, em índices de base fixa temos:

Quadro nº.26 - Índices de pessoal e embarcações nos alcatruzes (ano-base 1961)

A N O S	1961	1962	1963	1964	1965	1966	1967	1968	1969
Ind. de Pessoal	100	171	141	138	200	181	180	218	80
Ind. de embarcações..	100	78	64	71	85	75	78	82	54

Gràficamente:

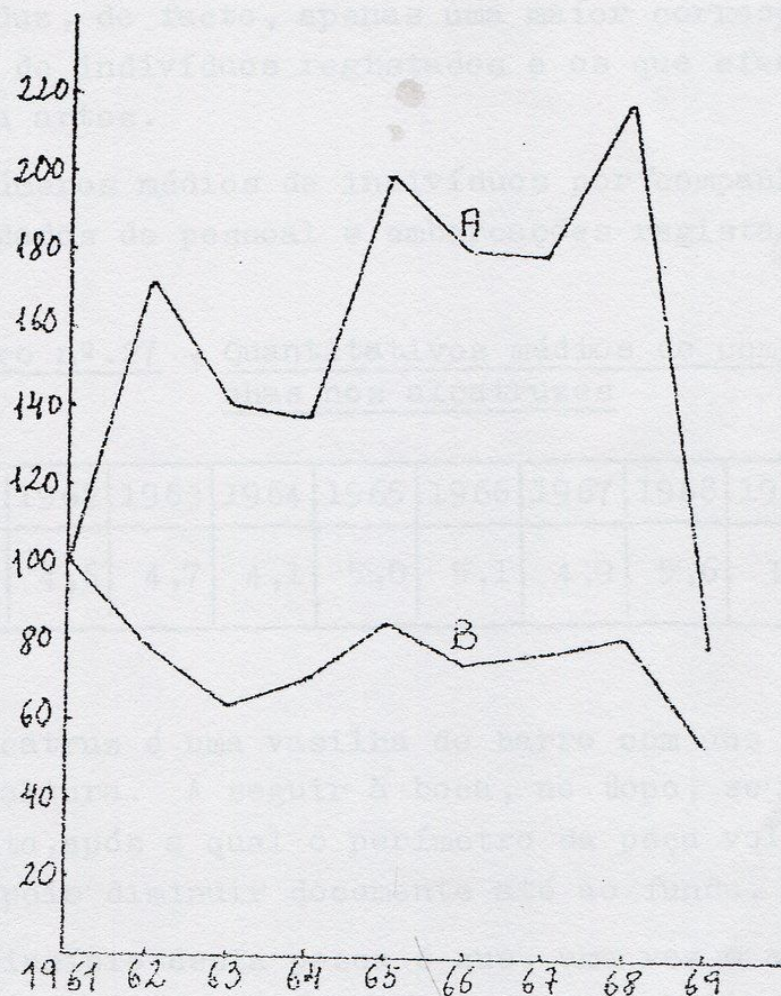


Fig. nº. 27 - Evolução dos índices de pessoal e embarcações nos alcatruzes.

- A - Pessoal
- B - Embarcações

O aumento de pessoal a partir de 1965 é, pelo menos em parte, fictício. Como se referiu, a partir daquela data passou a haver "bacalhoeiros" da Fuzeta que, como tal, se registavam noutros lugares. Assim, uma vez regressados do bacalhau, passaram a poder matricular-se ali nas diversas artes locais e, nomeadamente, nos alcatruzes, o que já não acontece com os que, na própria Fuzeta, se encontravam registados como "bacalhoeiros". Estes, embora podendo igualmen-

mente exercer ali a pesca, são estatisticamente assinalados na pesca do bacalhau. Assim, pelo menos uma parte daquele aumento traduz, de facto, apenas uma maior correspondência entre o número de indivíduos registados e os que efectivamente exercem esta artes.

Os números médios de indivíduos por "companha" foram (a partir dos dados de pessoal e embarcações registadas) os seguintes:

Quadro nº.27 - Quantitativos médios de companhias nos alcatruzes

1961	1962	1963	1964	1965	1966	1967	1968	1969
2,1	4,6	4,7	4,1	5,0	5,1	4,9	5,6	3,2

O alcatruz é uma vasilha de barro com uns 30 a 40 centímetro de altura. A seguir à boca, no topo, segue-se uma pequena garganta, após a qual o perímetro da peça volta a aumentar para depois diminuir docemente até ao fundo.

O princípio desta pesca é que, uma vez o alcatruz no fundo do mar, o polvo tem tendência a fazer dele um abrigo onde permanece, e para onde leva os seus alimentos. A agitação das águas por via de temporal, sobretudo quando há "Levante" (vento de Sueste), faz aumentar aquela tendência. É assim que se pode dizer, que os Invernos são de certo modo bem vindos e os temporais desejados para estes pescadores.

O aparelho é aqui constituído da seguinte forma : De um cabo denominado "madre dos alfoques", parte em cada dez braças um outro cabo denominado "alfoque" ou "estralho", cujo comprimento varia entre uma braça e braça e meia. No fim de cada "alfoque", seguro pela garganta, está um alcatruz. A cada "madre de alfoques" podem estar ligadas dez, quinze, por vezes, vinte dúzias de "estralhos" e "alcatruzes".

Em esquema:

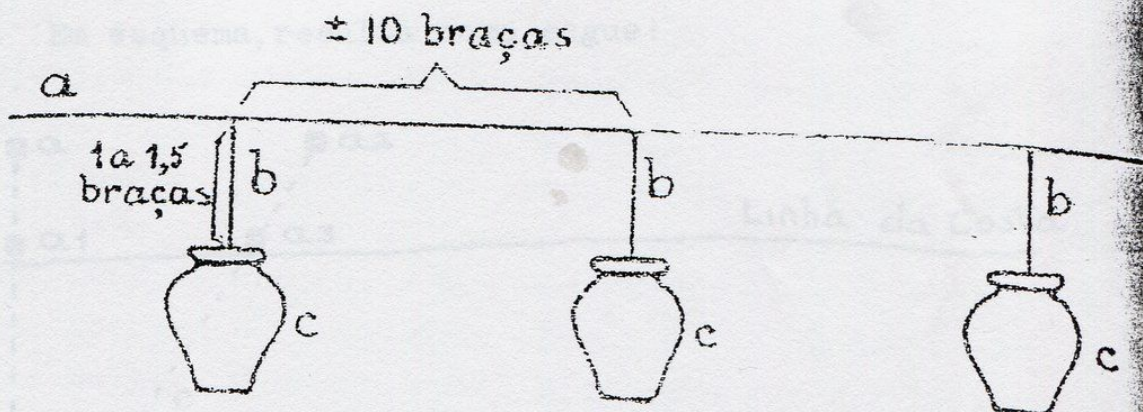


Fig. nº.28 - Constituição da "teia"

- a - "Madre dos alfoques"
- b - "Alfoques ou estralhos"
- c - Alcatruzes

Este conjunto é denominado por "teia".

A totalidade de aparelho que cada mestre tem no mar e que pode compreender uma ou mais "teias", é designada por "estrafego" (1). Este repousa em permanência no fundo do mar, estando, portanto, sempre a "pescar". Diariamente, a companhia vai verificar o resultado da pesca.

Dado que o "aparelho" se encontra sob as águas, torna-se necessário conseguir, de qualquer maneira, determinar, com um rigor pelo menos relativo, a sua localização.

O modo de realizar este objectivo, baseia-se no facto de os "estrafegos" serem deixados em locais à vista da costa, o que permite escolher nesta os pontos de referência. Estes podem ser constituídos por tudo o que seja imóvel, como casas, montes, árvores, etc.. A localização de um determinado ponto é, assim, conseguida pela intersecção de duas "marcas" (uma "de frente" e outra "de través"), ou seja, de duas

(1) O valor do total do aparelho pode ser calculado na base de 5\$00 cada alcatruzes e de 50\$00 a quantidade de fio necessário para 30 alcatruzes. Assim, 600 alcatruzes no mar custarão cerca de 4.500\$00.

linhas, cada qual definida pela coincidência de pontos de referência. Em esquema, resulta como segue:

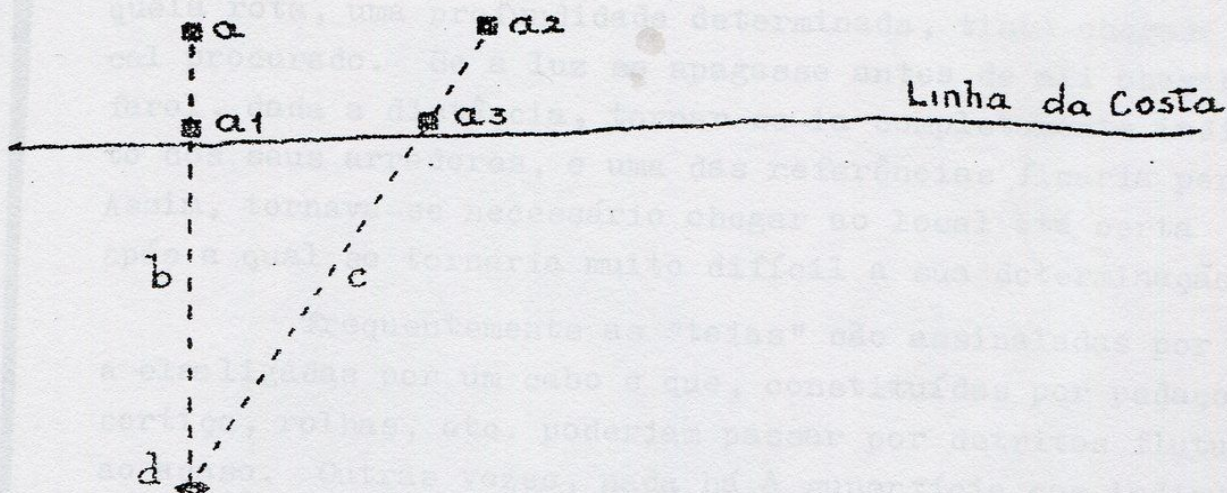


Fig. nº.29 - Modo de orientação pela costa.

- a, a1, a2, a3 - Pontos de referência
 b - "Marca de frente"
 c - "Marca de través"
 d - Embarcação

O conhecimento pormenorizado da costa, torna-se deste modo particularmente importante, tendo alguns dos acidentes do seu recorte nomes consagrados no vocabolário local. É o caso da "Mama Gorda" (montanha que parece um seio), do "Guelhim" (agulhinha), "Monte Grande" (Monte figo), etc.. E não só já pontos de referência, mas mesmo "marcas" que definem uma linha precisa, como por exemplo "Igreja da Luz à racha" (linha que passa pela referida igreja e pelo vértice do V formado pelas encostas de dois montes determinados).

Dentro deste contexto, cada mestre escolhe as suas referências, por vezes de modo bastante particular. Um deles, que tinha os seus alcatruzes em frente de Vila Real de Santo António, mas já suficientemente afastados da costa, para se tornar difícil a tomada ali de referências, procedia do seguinte modo: chegava àquelas imediações ao princípio da manhã, quando o farol existente naquela vila ainda estava aceso.

Posto isto, punha a luz "debaixo" do norte e seguia esse rumo para o largo. Simultaneamente, ia sondando para conhecer as profundidades dos locais por que passava. Ao atingir, sempre na aquela rota, uma profundidade determinada, tinha chegado ao local procurado. Se a luz se apagasse antes de ali chegar, o farol, dada a distância, tornar-se-ia completamente indistinto dos seus arredores, e uma das referências ficaria perdida. Assim, tornava-se necessário chegar ao local até certa hora, após a qual se tornaria muito difícil a sua determinação.

Frequentemente as "teias" são assinaladas por bóias a elas ligadas por um cabo e que, constituídas por pedaços de cortiça, rolhas, etc. poderiam passar por detritos flutuando ao acaso. Outras vezes, nada há à superfície que indique a presença do aparelho no fundo. Neste caso, lança-se no sítio apropriado um ferro, com o aspecto aproximado de uma âncora, no qual estão incrustados diversos espigões. Esta peça, que se encontra segura por um camarada através dum cabo, vai arrastar pelo fundo até encontrar a "madre de alfoques" e nela se prender. Nesse momento, o camarada grita a avisar o mestre. A "motora", que seguia em marcha moderada, pára. O cabo é puxado para bordo e, com ele, a "madre de alfoques". O conteúdo de cada alcatruz é então verificado. Por vezes, um bote auxilia a "motora" neste serviço.

Um dos camaradas, sentado na borda da embarcação, vai alando a "madre dos alfoques" e o "alfoque" de cada alcatruz. Quando este lhe chega às mãos olha lá para dentro. Por vezes, os alcatruzes estão cheios de cascas de conchas vazias, o que indica que um polvo lá entrou ou ainda lá está.

Dado que os animais se agarrariam tenazmente por meio das ventosas, às paredes dos alcatruzes, se os tentassem puxar, o método seguido é diverso. Normalmente, deita-se um pouco de cal líquida lá para dentro, procurando atingir os olhos do polvo, que sai imediatamente. A acção da cal é de tal modo forte, que quando se trata de animais de certas dimensões chegam na sua aflicção a rebentar o alcatruz. Se acontece encontrar-se muitos polvos e acaba a cal, o sucedâneo utilizado é a urina.



Fig. nº. 30 - Um polvo sai do alcatruz.
Na mão do pescador, a lata de cal.

Os polvos apanhados, são imediatamente imobilizados por meio de um golpe de faca entre os olhos, que lhes corta todo o movimento dos tentáculos e do qual vêm a morrer após algum tempo.

Uma vez finda a verificação do seu conteúdo, o alcatruz é lançado à água e ala-se novamente o aparelho até no vo alcatruz vir à tona.

Os mestres que possuem alcatruzes, dispõem por vezes nas suas "teias" dois ou três covos ou murejonas, armadilhas para peixe, às quais nos referiremos. Por meio delas, visam sobretudo conseguir alimento para auto-consumo, que lhes permita uma variação da dieta de polvos que, compreensivelmente, tem por vezes foros de regra.

A remuneração processa-se segundo os princípios já enunciados. A "motora" recebe em regra quatro ou cinco "partes". Cada "camarada" recebe uma "parte" além da fracção que lhe cabe de duas ou três "partes de fora". A única particularidade refere-se ao alcatruzes propriamente ditos. Estes não são fabricados na Fuzeta, sendo, sobretudo, adquiridos em Loulé.

O valor que atingem nas quantidades necessárias para a pesca, e o facto de que os barcos de arrasto causam, com frequência, estragos nos "estrafegos", levaram a consagrar aos alcatruzes uma fracção própria nos ganhos, normalmente, cerca de duas "partes". O número de "partes" realizado por uma "companha" da arte dos alcatruzes poderá assim, normalmente, orçar pela dezena e meia.

b.2.2.3.- Pesca de "sacada"

Esta arte, na Fuzeta normalmente designada apenas por "secada", é uma pesca de redes que toma lugar em zonas bastante próximas de terra.

As estatísticas relativas a pessoal e embarcações que nela se empregam, apresentam, a partir de 1961, os seguintes valores:

Quadro nº.28 - Pessoal e embarcações na sacada

ANOS	1961	1962	1963	1964	1965	1966	1967	1968	1969
Pessoal	81	38	37	46	61	56	46	30	20
Embarc.	16	9	8	7	8	11	9	5	5

O que, em valores relativos, se traduz nos números seguintes:

Quadro nº.29 - Índices de pessoal e embarcações na sacada (ano base - 1961)

ANOS	1961	1962	1963	1964	1965	1966	1967	1968	1969
Pessoal	100	46	45	56	75	69	56	37	24
Embarc.	100	56	50	43	50	68	56	31	31

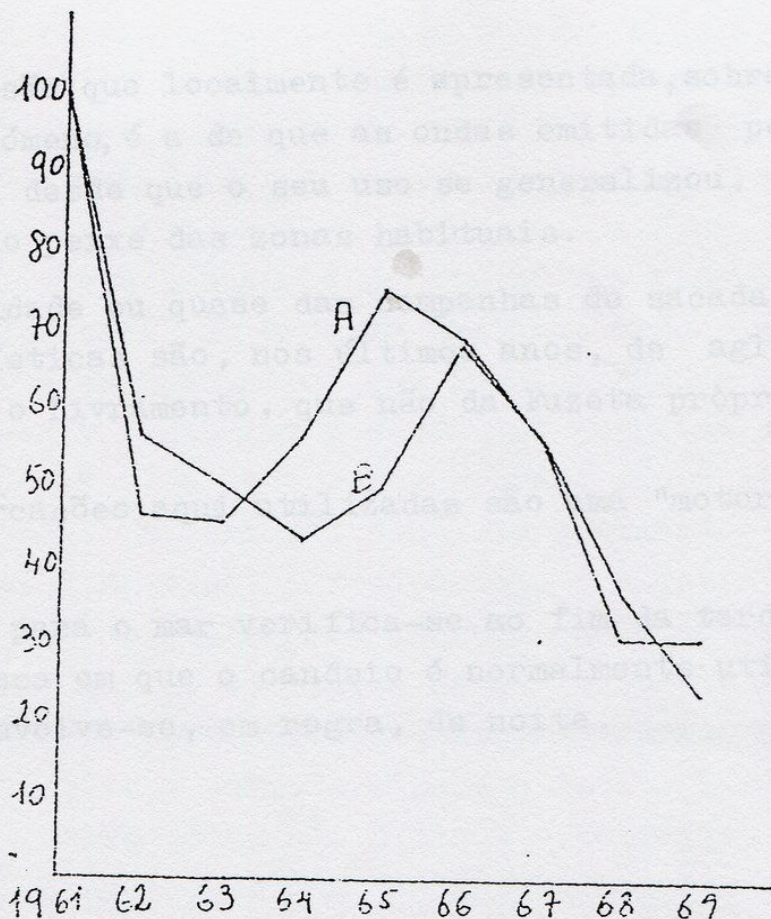


Fig. nº. 31 - Evolução dos índices de pessoal e embarcações na sacada.

A - Pessoal
B - Embarcações

Os quantitativos médios das companhias têm sido, como se deduz dos números acima, os seguintes:

Quadro nº. 30 - Quantitativos médios das companhias da sacada.

1961	1962	1963	1964	1965	1966	1967	1968	1969
5,0	4,2	4,6	6,5	7,6	5,0	5,1	6,0	4,0

Para além dos factores de carácter geral, que favorecem a tendência para a diminuição dos efectivos humanos empregados nas pescas, a "sacada" tem sofrido as consequências de um condicionalismo particular. Efectivamente, desde há já alguns anos, as safras desta arte têm vindo a ser cada vez menos

abundantes. A versão que localmente é apresentada, sobre as causas daquele fenómeno, é a de que as ondas emitidas pelas sondas eléctricas, desde que o seu uso se generalizou, têm provocado a fuga do peixe das zonas habituais.

A totalidade ou quase das companhas de sacada assinaladas nas estatísticas são, nos últimos anos, de aglomerados vizinhos como o Livramento, que não da Fuzeta propriamente dita.

As embarcações aqui utilizadas são uma "motora" e um bote.

A saída para o mar verifica-se ao fim da tarde, pois sendo esta uma pesca em que o candeio é normalmente utilizado como engodo, desenvolve-se, em regra, de noite.

Ao sair, as redes são transportadas na "motora", a reboque da qual segue o bote. Uma vez atingido o local visado, frequentemente a não mais de duas ou três milhas da costa, a "sacada" é armada de modo a ficar constituída da seguinte maneira: distantes entre si umas vinte ou vinte e cinco braças, a "motora" e o bote têm as respectivas linhas de pôpa-proa orientadas em direcções paralelas. Para que a distância entre as embarcações se mantenha mais ou menos constante, ou pelo menos não aumente, um cabo preso a meio de cada uma delas fica a ligá-las. No prolongamento da linha pôpa-proa do bote, saem deste, em ambos os sentidos, duas varas ("paus") de eucalipto, com um comprimento aproximada de cinco a seis braças. Segura a elas por meio de argolas, está uma rede, cujo comprimento vai do extremo de uma vara ao da outra, e que se prende também à embarcação propriamente dita, enfiando algumas das suas malhas nos toletes dos remos. Esta rede,⁽¹⁾ de forma rectangular, desce para o fundo, aproximando-se simultâ

(1) São utilizados trinta ou quarenta quilos, cujo valor é de cerca de 50\$00/Kg.

neamente, do plano vertical que passa pela pôpa e pela proa da "motora", logo, fazendo um certo ângulo com o plano que, em idênticas condições, passa pelo bote. Do lado do rectângulo constituído pela rede oposto àquele que se encontra ligado às varas, sobem dos extremos e a intervalos, quatro cabos ("levas") com cerca de quinze a vinte braças cada, que se vão ligar, também a intervalos, à "motora". Em cada um dos pontos de junção da rede e dos cabos, há um "pandulho" que força ambas as coisas a descirem tanto quanto o permite a distância entre as embarcações. Na borda do bote de onde parte a rede, são dispostos três ou quatro faróis "bizarros", como são designados, cuja luz incide sobretudo na água. Precisamente sob estes faróis, a rede dispõe de uma abertura para um saco que fica sob o bote. Todo este conjunto se destina a descair ao sabor da corrente, que deve correr perpendicularmente às linhas pôpa-proa de ambas as embarcações, e da "motora" para o bote. Para evitar que a distância entre estas não diminua e, portanto, manter tenso o cabo que as une, da borda da "motora" oposta à que faz face ao bote, é largada, presa por um cabo, uma "poita", ou seja um "pandulho" de dimensões razoavelmente maiores, capaz de retardar o deslocamento do conjunto que, caso contrário, descairia mais rapidamente.

Para uma visão mais clara, representaremos assim o conjunto em projecção vertical e horizontal:

- 1 - Bote
- 2 - "Motora"
- 3 - Rede
- 4 - Cabos que unem a rede à motora
- 5 - "Poita"
- 6 - Faróis "bizarros"
- 7 - Saco da rede
- 8 - "Pandulhos"

A "companha" reparte-se entre a "motora" e o bote, que
 leva um ou dois botes.
 O bote, engastado pelos "bizarros" e "pandulhos" no
 de a aglomerar-se na zona iluminada. Quando se calcula que a
 iluminação atinja determinadas proporções, começa-se a aliar os
 cabos (D) que ligam a rede à "motora" à medida que aquela se
 aproxima do bote, sendo a "poita" largada para evitar a
 direcção à entrada do saco, no qual acaba por entrar a ficar

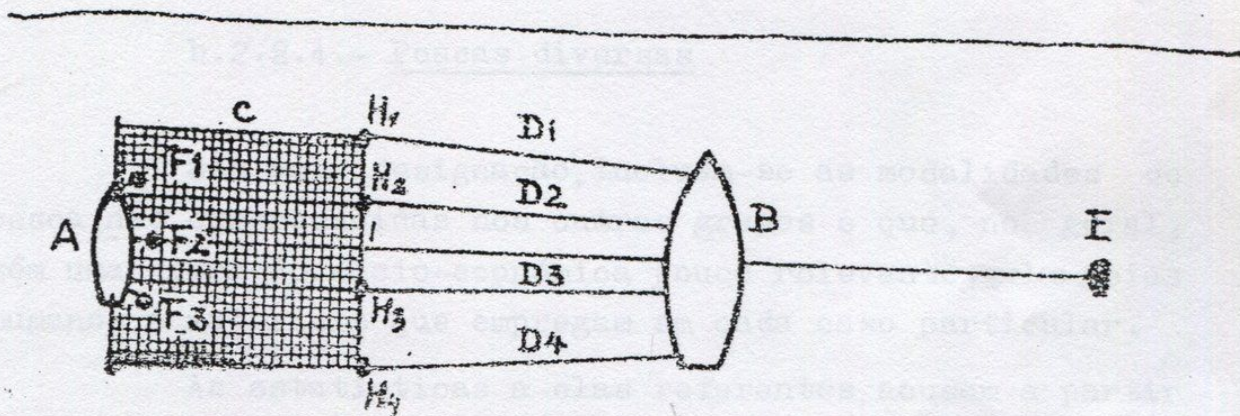
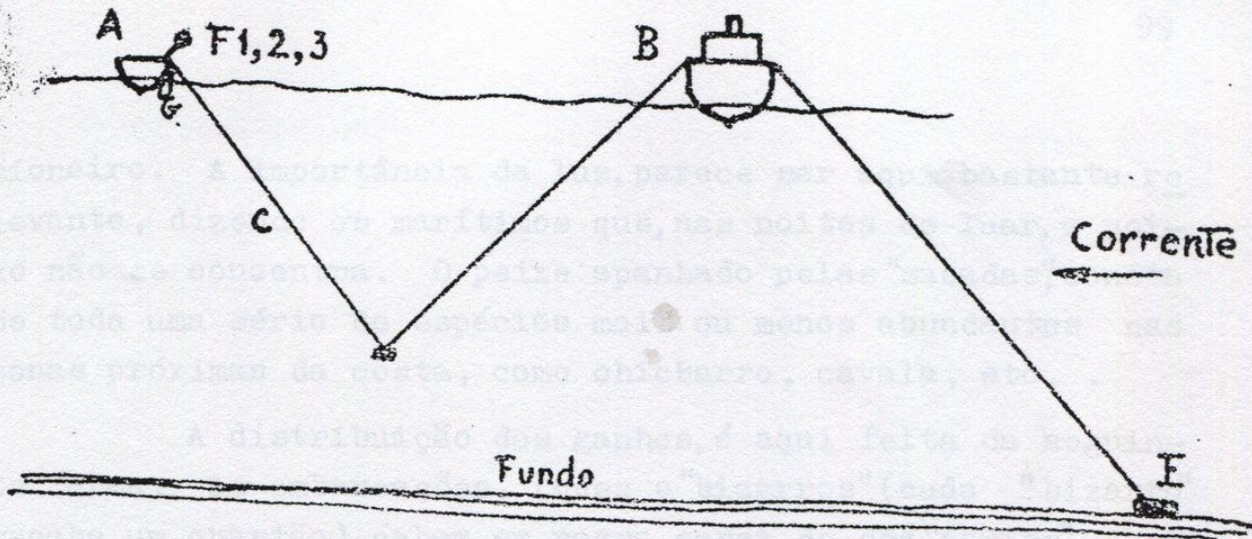


Fig. nº. 32 - "A sacada"

- A - Bote
- B - "Motora"
- C - Rede
- D1,2,3,4 - Cabos que unem a rede à motora
- E - "Poita"
- F1,2,3 - Faróis "bizarros"
- G - Saco da rede
- H1,2,3,4 - "Pandulhos"

A "companha" reparte-se entre a "motora" e o bote, que leva um ou dois homens.

O peixe, engodado pelos "bizarros" e sardinha moída, tende a aglomerar-se na zona iluminada. Quando se calcula que a aglomeração atingiu determinadas proporções, começa-se a alar os cabos (D) que ligam a rede à "motora". À medida que aquela sobe o peixe vai-se concentrando junto do bote, sendo encaminhado em direcção à entrada do sacco, no qual acaba por entrar e ficar pri-

sioneiro. A importância da luz, parece ser aqui bastante relevante, dizendo os marítimos que, nas noites de luar, o peixe não se concentra. O peixe apanhado pelas "zacadas", consta de toda uma série de espécies mais ou menos abundantes nas zonas próximas da costa, como chicharro, cavala, etc. .

A distribuição dos ganhos, é aqui feita da seguinte forma: as embarcações, redes e "bizarros" (cada "bizarro" recebe um quartão) cabem em regra cerca de dez "partes". A cada camarada cabe a "parte" regulamentar, mais a fracção correspondente a cerca de duas "partes de fora".

b.2.2.4.- Pescas diversas

Sob esta designação, incluem-se as modalidades de pesca não compreendidas nos outros grupos e que, no geral, têm uma dimensão sócio-económica pouco relevante, pelos meios humanos e materiais que empregam em cada caso particular.

As estatísticas a elas referentes, acusam a partir de 1961 os seguintes números:

Quadro nº.31 - Pessoal e embarcações nas "Pescas diversas.

	1961	1962	1963	1964	1965	1966	1967	1968	1969
Embarcações	34	27	41	22	10	16	19	31	42
Pessoal.....	36	71	88	56	56	75	38	91	95

Neste caso, sendo bastante próximos os valores do ano base e tratando-se, ainda, de pequenos valores absolutos, não pareceu necessária a utilização de índices.

Gráficamente, os valores atrás indicados tomam o